

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

Walter Reyes Boehl

**O DESENVOLVIMENTO DO JUDÔ NO LITORAL NORTE
DO RIO GRANDE DO SUL (da década de 1960 à década de 2010)**

**Porto Alegre
2016**

Walter Reyes Boehl

**O DESENVOLVIMENTO DO JUDÔ NO LITORAL NORTE
DO RIO GRANDE DO SUL (da década de 1960 à década de 2010)**

Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Física, submetido como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Janice Zarpellon Mazo

**Porto Alegre
2016**

CIP - Catalogação na Publicação

Boehl, Walter Reyes

O DESENVOLVIMENTO DO JUDÔ NO LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL (da década de 1960 à década de 2010) / Walter Reyes Boehl. -- 2016.

95 f.

Orientadora: Janice Zarpellon Mazo.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Licenciatura em Educação Física, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Arte Marcial. 2. Esporte de Combate. 3. História do Esporte. 4. Judô. 5. Lutas. I. Mazo, Janice Zarpellon, orient. II. Título.

Walter Reyes Boehl

**O DESENVOLVIMENTO DO JUDÔ NO LITORAL NORTE
DO RIO GRANDE DO SUL (da década de 1960 à década de 2010)**

Conceito final:

Aprovado em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Velly Nunes – UFRGS

Orientadora – Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo – UFRGS

DEDICATÓRIA

Depois de quase 20 anos poder dedicar um trabalho de conclusão de curso aos pais é sensacional. Portanto, a eles, Ieda e Walter, que me deram condições de estudar e entender o quanto é importante.

Ao meu filho Victor e à minha companheira Adriana que, nos momentos mais difíceis, foram suporte, refúgio e fonte de resistência.

A todos os amantes das diversas histórias dos esportes e, em especial, as do judô.

AGRADECIMENTOS

Estou novamente de frente com o dilema das agraciações. Lembro-me, em minha primeira formação superior, que achava necessário manifestar o meu reconhecimento a todos que de alguma forma ou outra contribuíram com a minha vida. Pois vivia um momento único, quase mágico. Algo que transcendia tudo que eu compreendia por felicidade. Portanto, precisava partilhar com todos aqueles minha alegria e gratidão. Não que tivessem participado efetivamente para com a minha formação. Todavia que apenas tivesse frequentado a minha história. Sendo assim, era o momento de homenageá-los. Hoje, mais maduro, vejo que esqueci citar pessoas importantes. Outras que mencionei, após a formatura, nunca mais me acompanharam ou procuraram saber como estava/estou. Não ocuparei este espaço para reparar erros passados, o que passou, passou. Desta forma, aos que por aqui eu vier agradecer, tenham a máxima certeza que vocês de fato foram importantes e contribuíram nesta conquista. Assim, eu espero.

O meu retorno aos bancos acadêmicos não foi casual. Ele vinha sendo ensaiado. Enquanto cursava comunicação social, trabalhava com esportes em projetos em parques e áreas de lazer da Prefeitura de Porto Alegre. Sempre tive ligação fortíssima com a docência na área. Era questão de tempo a realização do sonho de conquistar a diplomação em educação física. Porém, em 2012, fui incentivado pelos meus alunos de judô do Teresópolis Tênis Clube, Augusto Scheeren, Iran Rosa e Gabriel Hofmann. O surreal entrou em cena. Neste ano, o vestibular da UFRGS teve dois períodos de inscrições. Na primeira, eu me inscrevi e não paguei o boleto. Pensei que seriam cem reais jogados fora. Com o imbróglio sobre a quantidade de vagas para as cotas, foram abertas novamente as inscrições. Com a abertura pela a segunda vez, fui praticamente forçado a me inscrever. Obrigado, por acreditarem em mim.

É necessário o reconhecimento da importância das instituições para com a minha formação. Não sou muito religioso. Contudo, sou batizado na Igreja Católica e

frequente espontaneamente as missas aos domingos do Santuário Santa Rita de Cássia. A ela, a quem sempre atendeu as minhas orações, retribuo meu amor.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela excelência de ensino, que me deu oportunidade de cursar o ensino superior de forma gratuita na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança.

Dentro do rol de agradecimentos devem ser destacados aqueles docentes que me ofereceram uma educação superior digna. Não iria nomeá-los para não cometer erros de esquecimento. Porém, após análise criteriosa em meus alfarrábios construídos nestes quatro anos, entre Esef e Esefid, creio ser muito importante destacá-los. Aos que por ventura não foram lembrados, quero que saibam que significaram muito, contudo, os avultados foram ímpares. Então, aos professores, que auxiliaram na minha ressignificação, quer seja técnica, cultural e/ou social, Rogério Voser, Marta Roessler, Alexandre Nunes, Nádia Valentini, Lisiane Torres e Cardoso, Adriana Berleze, Flavia Meyer, Vicente Molina, Eduardo Cadore, Alberto Gaya, Alex Fraga, Denise Grosso, Fabiano Bossle e Elisandro Wittizorecki, eis o meu carinho e reconhecimento o quanto foram formidáveis e como influenciaram em meu desenvolvimento.

Dentro da minha composição de licenciado em educação física tive a oportunidade de conhecer jovens abnegados pela constituição de um mundo melhor. Meninos estes que, deveras, tornaram a minha aventura pela Esef mais interessante. Alguns mais dedicados outros mais amigos, uns mais próximos, outros menos. Contudo, há de se destacar aqueles que tiveram ampla participação. Agradeço aos jovens colegas Régis Hözer, Augusto Tuchtenhagen, Leonardo Lima, Carlos Machado e Armando Saldanha.

Dedico aos meus familiares, tios, tias, primos, primas, cunhados, cunhadas, sobrinhos, sobrinhas, em todos os graus e circunstâncias. A todos que sempre manifestam preocupação ou me estendem alguma palavra de conforto. Em especial, a um dos maiores homens que já pude conhecer. Um dos últimos caudilhos. Um ser de mente aberta que podia conversar qualquer assunto. Um ente compreensivo e dedicado à família. Precocemente, nos deixou neste ano de 2016, “in memorian” ao tio Nenê. Também, aos tios Souza e Zilá, “in memorian”.

Agradeço à minha irmã Lisiane que sempre me deu guarida e me auxiliou em questões administrativas. Ao meu irmão Fábio, que mesmo distante, consegue me confortar com as palavras certas nos momentos de dúvida ou até mesmo de angústia. Ao meu pai Walter, através da sua peculiar sinceridade, com as palavras menos apropriadas para as circunstâncias, enfim, do seu jeito, acaba servindo como incentivo para novos desafios. Ao meu filho Victor, que tem um poder de convencimento impressionante, onde não precisa pronunciar uma letra para fazer com que eu siga em frente, que eu seja resiliente. Se hoje alcancei mais este objetivo, foi por ti. À Adriana que serviu de esteio nos tempos mais sombrios com as palavras certas nos momentos oportunos. À supermãe Ieda. Não há necessidade manifestar a sua importância. Todos que te cercam sabem.

Aos amigos que nunca me abandonaram, nem nos tempos mais sombrios, Luciano Falavena, Pedro Diniz e Michel Moraes.

Aos meus colegas de trabalho e, em especial, ao do setor do plantão da 20ª DP, que sempre me deram cobertura para que pudesse cursar o ensino superior.

Aos professores de judô que foram muito importantes na construção desta pesquisa. Ao meu sensei Cid Corrêa Rodrigues Júnior que sempre esteve à disposição de qualquer demanda necessária para este ou qualquer trabalho. Além de um grande mestre de judô, um ótimo professor de educação física, um grande amigo. Ao professor Paulo Guimarães que, nos últimos anos estreitamos laços de amizade, se mostrou um homem de caráter e que contribui imensamente para com este. Ao meu colega aposentado da Polícia Civil e de quimono, professor de educação física, Joel Guarilha que se revelou um abnegado pela história do judô, um ser dedicado a colaborar com a preservação da narrativa do esporte. Ao ex-presidente da Federação Gaúcha de Judô, Carlos Matias. Quiçá, um dos que mais saiba sobre história do judô no Rio Grande do Sul. Fica aqui o meu agradecimento a este *kodansha* que sempre quando solicitado, prontamente, atendeu. Agradeço também aos professores de judô Adilson Varqueiro Oliveira, Ana Maria Kich, Felipe Parisoto e Jean Duarte Vargas por suas contribuições.

Não posso deixar de agradecer à minha orientadora Drª. Janice Mazo Zarpellon que, antes mesmo de eu ter a primeira aula na Escola, já havia sido indicada, pelo meu irmão de judo-gi Willy Schneider, para ser a minha tutora nesta

jornada. Agradeço por ser modelo de professora e de pessoa o qual eu me espelho. Agradeço por me oportunizar novos saberes, me instigar a buscar sempre mais e, principalmente, como exemplo na área da pesquisa e da docência. Agradeço pela paciência e em me auxiliar em tudo que fora solicitado. Agradeço pela contribuição no campo sociocultural.

Ao professor avaliador Dr. Alexandre Velly Nunes por compartilhar seus saberes durante a minha constituição acadêmica e com sua experiência para este fechamento.

Por derradeiro, agradeço a todos os técnicos e funcionários da Esefid que desempenham de forma exemplar suas funções administrativas, contribuindo esplendorosamente para a nossa qualificação.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

O judô é uma arte marcial desenvolvida, por Jigoro Kano, a partir de compilações de técnicas de antigas escolas de jiu-jítsu, no ano de 1882, no Japão. Desembarcou no Brasil em 1908 através dos imigrantes japoneses. No Rio Grande do Sul, não se tem certeza sobre a sua data de chegada, mas está fortemente ligada à figura do japonês Takeo Yano. Bastante difundida em todo território brasileiro, em jogos olímpicos é uma das modalidades esportivas que mais possui conquistas. O escopo desta pesquisa acadêmica versa sobre o desenvolvimento da prática do judô nas academias do litoral norte do Rio Grande do Sul, a partir das memórias de senseis, Joel Luiz Guarilha e Paulo Roberto da Silva Guimarães, trilhando o período da década de 1960 à década de 2010. O referencial-metodológico pautou-se na história oral, no uso de fontes documentais e na revisão bibliográfica. O estudo nos apontou que a prática do judô na região passou por dois momentos diferentes, com um lapso temporal entre eles. A primeira fase com Guarilha iniciando ao final da década de 1960 e terminando no início da década de 1970 e o segundo com Guimarães começando ao final da década de 1990 perdurando até a atualidade. As investigações demonstraram um primeiro período de esterilidade, enquanto o outro de consolidação. Entre eles, verificou-se aparentemente uma fase sem a prática sistematizada. Porém, com a existência anual de competições. Nas narrativas podemos encontrar que, além da recuperação da história do desenvolvimento, as lembranças de resultados em competições esportivas destes personagens são deveras importantes. Além disso, este estudo se justifica ao materializar, através das recordações de protagonistas, como uma das formas de contribuição para a preservação da memória esportiva, dando voz a silenciados. As histórias dos esportes possibilitam o (re)conhecimento das formações sociais. Este trabalho contribui e auxilia na salvaguarda das mesmas, provocando para que novas versões surjam e outras pesquisas na área dialoguem.

Palavras-chave: judô – arte marcial – lutas – história do esporte.

ABSTRACT

Judo is a martial art developed by Jigoro Kano, from compilations techniques of old schools of jujitsu, in the year 1882 in Japan. He arrived in Brazil in 1908 by Japanese immigrants. In the Rio Grande do Sul, you're not sure about your date of arrival, but are strongly linked to Takeo Yano Japanese figure. Widespread throughout Brazil in the Olympic games is one of the sports that have more achievements. The scope of this verse academic research on the development of the practice of judo in the academies of the northern coast of Rio Grande do Sul, from sensitive memories, Joel Luiz Guarilha and Paulo Roberto da Silva Guimaraes, tracing the period from 1960 to the decade of 2010. The referential and methodological was based on the oral history, the use of documentary sources and literature review. The study found that in the practice of judo in the region experienced two different times, with a time lapse between them. The first phase Guarilha starting at the end of the 1960s and ending in the early 1970s and the second with Guimaraes beginning to the end of the 1990s lasting until today. Research has shown the first period of sterility, while other consolidation. Among them, it was apparently a phase without systematized practice. However, with the existence of annual competitions. In the narratives, we find that in addition to the recovery of the history of the development, results of memories in the sports competitions of these characters are truly important. Furthermore, this study is justified to materialize, through the memories of players, as a way of contributing to the preservation of sports memory, giving voice to silenced. The stories of sports possible (re) knowledge of social formations. This work contributes and assists in safeguarding the same, leading to new versions appear and other research in the area to hold discussions.

Keywords: judo - martial arts - fights - history of sport

RESUMÉN

El judo es un arte marcial desarrollado por Jigoro Kano, de las compilaciones de las técnicas antiguas escuelas de jujitsu, en el año 1882, en Japón. Se llegó a Brasil en 1908 por inmigrantes japoneses. En Rio Grande do Sul, no está seguro acerca de su fecha de llegada, pero está fuertemente ligada a figura japonesa de Takeo Yano. Generalizada en todo Brasil en los juegos olímpicos es uno de los deportes que tiene más logros. El alcance de esta investigación académica versa sobre el desarrollo de la práctica del judo en las academias de la costa norte de Rio Grande do Sul, de los recuerdos sensibles, Joel Luiz Guarilha y Paulo Roberto da Silva Guimaraes, pisando el período de los años 1960 hasta la década de 2010. La referencia metodológica se basó en la historia oral, el uso de fuentes documentales y revisión de la literatura. El estudio encontró que en la práctica de judo en la región experimentó dos momentos diferentes, con un lapso de tiempo entre ellos. La primera fase Guarilha a partir de finales de la década de 1960 y termina a principios de 1970 y el segundo con Guimaraes principio hasta el final de la década de 1990 que duran hasta hoy. La investigación ha demostrado un primer periodo de la esterilidad, mientras que otra de consolidación. Entre ellos, al parecer, hay una fase sin la práctica sistemática. Sin embargo, con la existencia de concursos anuales. En las narrativas nos encontramos con que, además de la recuperación de la historia de la evolución, los resultados de las memorias en las competiciones deportivas de estos personajes son realmente importantes. Por otra parte, este estudio se justifica en materializarse, a través de los recuerdos de los jugadores, como una manera de contribuir a la preservación de la memoria deportiva, dando voz a los silenciados. Las historias de los deportes posibles (re)conocimiento de las formaciones sociales. Este trabajo contribuye y ayuda a proteger el mismo, causando a aparecer nuevas versiones y que otras investigaciones en el área hablen.

Palabras clave: judo - artes marciales - luchas - historia del deporte.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Dojô do Sport Club Ruy Barbosa. Professor Loanzi à direita e seus alunos.....40
- Figura 2** - Equipe gaúcha no Campeonato Brasileiro. Em pé da esquerda para direita: Moacyr, Praia, Matias, Delamar e Nilton. Agachados: Cabeda, Guarilha, Emílio e Escandiel.....54
- Figura 3** - Apresentação, sobre as esteiras de junco, da primeira turma para a comunidade tramandaiense.....56
- Figura 4** – Alunos da primeira turma de judô do litoral norte no salão paroquial de Tramandaí. Em pé à esquerda, Guarilha. Ao fundo, Antônio, Letona, Delamar, Matias, Escandiel e Loanzi.....57
- Figura 5** – Paulo Guimarães arbitrando, em competição interna, no Ginásio Municipal de Tramandaí.....63
- Figura 6** – Primeira matéria sobre o Judomar na região.64
- Figura 7** – Equipe Judomar que participou do Troféu Colégio Farroupilha em Porto Alegre.....66
- Figura 8** – Centro de Cultura e Lazer Tenente Marino Dias de Oliveira, conhecido por Gigantinho ou Sessinzão.67
- Figura 9** – Dojô da Judomar na Avenida Flores da Cunha em Tramandaí.....68

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quadro de Medalhas de conquistas do Brasil e do Rio Grande do Sul. .46	
Tabela 2 - Professores que atuam(aram) no Litoral Norte RS.50	
Tabela 3 - Logotipos de escolas de judô do litoral norte gaúcho.70	

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACM - Associação Cristã de Moços

AABB – Associação Atlética Banco do Brasil

AFUMI- Associação dos Funcionários Municipais de Imbé

CBJ - Confederação Brasileira de Judô

CBV - Confederação Brasileira de Vôlei

COI - Comitê Olímpico Internacional

DECOM – Delegacia do Consumidor

ESEF - Escola Superior de Educação Física

ESEFID - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

FACOS - Faculdade Cenecista de Osório

FISC - Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul

FGJ - Federação Gaúcha de Judô

FRGJ - Federação Rio-Grandense de Judô

FRGP - Federação Rio-Grandense de Pugilismo

GNG – Grêmio Náutico Gaúcho

GNU – Grêmio Náutico União

GOE - Grupo de Operações Especiais

IEE - Instituto Estadual de Educação

JJOO – Jogos Olímpicos

LAPEX - Laboratório de Pesquisa do Exercício

LRSJ - Liga Riograndense de Judô

NEHME - Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física

PMT – Prefeitura Municipal de Tramandaí.

SAT - Sociedade Amigos de Tramandaí

SESC - Serviço Social do Comércio

SOGIPA - Sociedade de Ginástica Porto Alegre

TTC - Teresópolis Tênis Clube

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ULBRA – Universidade Luterana do Brasil

SUMÁRIO

1.	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	18
2.	REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	23
3.	O DESEMBARQUE DO JUDÔ NO BRASIL	30
4.	A CHEGADA DO JUDÔ NO RIO GRANDE DO SUL	39
5.	O JUDÔ NO LITORAL NORTE GAÚCHO: MEMÓRIAS DE SENSEIS	47
5.1.	O PERCURSO DO SENSEI JOEL GUARILHA	51
5.2.	O PERCURSO DO SENSEI PAULO GUIMARÃES.....	59
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
	REFERÊNCIAS.....	75
	ANEXOS	80
	APÊNDICES.....	90

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*“O judô não deve ser revestido por um rótulo nacional, racial, político, pessoal ou sectário”.
(Jigoro Kano)*

O judô é um dos esportes mais praticados em solo brasileiro e um dos mais vitoriosos nos Jogos Olímpicos de Verão. Com 22 medalhas, 04 ouros, 03 pratas e 15 bronzes, é a modalidade individual com mais sucessos olímpicos. Em números absolutos, fica atrás apenas do voleibol, somadas as láureas da Confederação Brasileira de Vôlei, que abrange tanto a quadra quanto a praia, chega-se a 23, 13 na areia e 10 na quadra. Em Jogos Paralímpicos, a modalidade de esporte de combate já rendeu ao Brasil 22 medalhas, sendo 04 douradas - todas conquistadas por Antônio Tenório da Silva – 09 de prata e 09 bronzes. Em campeonatos mundiais seniores, os atletas brasileiros já arrebataram 40 medalhas no individual, 06 de ouro, 13 pratas e 23 de bronze, figurando entre os dez mais bem colocados no ranking internacional. O Brasil nos Jogos Panamericanos, onde conquistou 97 medalhas, sendo 25 de ouro, 29 pratas e 43 bronzes. Em Jogos Mundiais Militares, o judô brasileiro tem 19 medalhas, onde são 06 ouros, 07 pratas e 06 bronzes. Por fim, em Campeonatos Mundiais Júnior, ao todo, são 59 medalhas, destas 12 douradas, 17 de prata e 30 bronzes. O que evidencia uma tradição brasileira no judô.

Nos últimos anos, por causa destas decorrências, a visibilidade deste esporte junto ao *mass media*¹ vem aumentando gradativamente, tomando lugar de destaque, tornando-se um desporto popularmente praticado. Desta forma, vem ocupando cada vez mais espaços nos clubes, nas academias, nas associações e nos meios escolares. O número de participantes no Brasil é impressionante. Conforme a Confederação Brasileira de Judô (2015), são cerca de 2 milhões de judocas, sendo aproximadamente 200 mil competidores federados. Dados que coligem a sua magnitude enquanto prática esportiva.

Diante desses acontecimentos, é praticamente impensável não ir além. Julgar que o judô é somente glamour nos sugere negligenciar diversas histórias de

¹ Sistemas organizados de produção, difusão e recepção de informação. Meios massivos de comunicação.

abnegados judocas que percorreram caminhos sinuosos para construir bases para o que apresentamos presentemente. Muitos anônimos caíram, levantaram, retornaram rotineiramente a cair e a levantar. Não foram poucas, mas diversas vezes para que este quadro pudesse existir. Desvendar alguns silêncios é tanto desafiador como importante. Desvelar o protagonismo dos invisíveis é uma empreitada intensa. Conhecer as sagas desses heróis inominados é tão admirável quanto à conquista de medalhas por nossos lutadores contemporâneos. Portanto, arrisco-me trazer a baila algumas memórias e rastrear o caminho histórico do judô. No caso desta pesquisa, a ênfase está em remontar as jornadas iniciais no desenvolvimento do judô na plaga litorânea gaúcha.

A ideia de trilhar fragmentos das histórias do judô me acompanha faz algum tempo. O estopim parece-me que foi durante passagem interessante. No ano de 2002, na cidade de Venâncio Aires, sentado à beira do tatame, durante uma aula de judô, fui provocado por um colega de treino que indicasse publicações contendo a história do judô gaúcho, fora algumas pesquisas acadêmicas. De antemão, alertou-me que mesmo esses tipos eram escassos. Que nem ao menos havia livros acerca do tema. Sem recordar de pronto algo da espécie, no mesmo instante, apenas me restou concordar. Em seguida, emendou que sentia falta deste tipo de leitura, que os poucos trabalhos acadêmicos e literários de intento histórico relacionado ao judô rio-grandense eram de difícil alcance. Destarte, sabedor da minha formação acadêmica – comunicação social - do meu interesse sobre esses colóquios, desafiou-me. Instigou-me a imergir nesta seara, em construir essas narrativas e publicá-las em meio impresso. De início, a ideia pareceu-me interessante. Titubeei, entretanto. Quando me dei por conta, já estava desafiado. Em seguida, percebi que seria uma labuta árdua, tomar-me-ia um tempo o qual não dispunha e de certo modo não teria condições de atingir o feito. Pensei em fazer o melhor e simplesmente adiei a provocação.

Antes mesmo de passar no vestibular de educação física, mais ou menos entre 2007 e 2012, o meu envolvimento com as preservações de memórias, através de entrevistas, reportagens, resgate de documentação fotográfica, pesquisas históricas sobre o judô, era o meu mote. Por tempo, empenhei-me nestas investigações, recebi materiais interessantes e fiz muitas publicações no já extinto *website* Portal do Judô. Não foram raras as vezes que recebi sugestões de pauta,

como entrevistar o atleta tal, o *kodansha*² beltrano ou o *sensei*³ cicrano. Eram inúmeras ofertas. Não ficava retido somente em nosso Estado. Em pouco tempo, era Brasil. Depois, recebi sugestões de matérias de judocas estrangeiros, do Uruguai, da Argentina, dos Estados Unidos, de Portugal, da Espanha, do Japão etc. Não tive a oportunidade de estar in loco nesses lugares; porém, digitalmente, propicieei uma vasta documentação.

Passado alguns anos, enquanto ministrava aula de judô no Teresópolis Tênis Clube (TTC), em Porto Alegre, um aluno, que estava estudando para graduação de faixa, indagou-me o porquê nas apostilas de exame de faixa existir somente a biografia de Jigoro Kano e a história do surgimento do judô. Por que ali não se encontravam as narrativas nacional e regional. Por que não se falava do passado do judô gaúcho. Sendo assim, mais uma vez fui impelido à reflexão desses porquês.

Entre os anos de 2011 e 2012, fui convidado algumas vezes para proferir seminários de técnicas de *ne-waza*⁴, na academia Judomar, em Tramandaí, pelo professor Paulo Roberto Guimarães. Durante estas participações, pude observar a existência nos alunos de inquietações sobre a história do judô na região. Constatei que aquela comunidade judoística estava vendada em relação ao passado da arte marcial as quais pertenciam. Havia algumas lacunas e muitas dúvidas sobre a construção do caminho suave na localidade. Comumente, creditavam ao sensei Guimarães e à academia Judomar o papel de precursor do judô no litoral norte. Porém, havia outro personagem: o guanabareense Joel Luiz Guarilha.

Em relação aos locais de manifestações de práticas da modalidade judô na região litorânea norte do Rio Grande do Sul, a Federação Gaúcha de Judô (FGJ), em seu sítio eletrônico, não apresenta nenhuma academia, escola, grupo, associação ou clube onde se possa praticar. No portal da Liga Riograndense de Judô (LRSJ), há o apontamento para um local em Torres, a Equipe Sensei, da leopoldense faixa-preta Ana Maria Kich. Todavia, é sabido que existem lugares onde são ministradas aulas que, talvez, por não estarem filiados diretamente instituições federadas, como no caso da Judomar de Tramandaí, do professor Felipe Parisoto,

² Judoca possuidor da faixa preta entre o 5º e o 10º grau. Para cerimônias festivas, a faixa preta pode ser substituída pela faixa vermelha intercalada pela cor branca.

³ Mestre, orientador ou formador.

⁴ Conjunto de técnicas que são executadas no chão (solo).

que compete pela Sogipa, ou a academia Bons Ventos, em Osório, do judoca Adilson Varqueiro que utiliza a bandeira do Grêmio Náutico União de Porto Alegre, não estejam elencados. Além das preteritamente citadas, existiram, em Imbé, a Judô Litoral Team do professor Paulo Roberto Guimarães, e a academia Ippon Sports do faixa-preta Gabriel Nunes.

Portanto, esta pesquisa tem como escopo desvelar como se desenvolveu a prática do judô nas academias do litoral norte do Rio Grande do Sul, a partir das memórias de senseis, no período compreendido entre a década de 1960 e a década de 2010.

A presente pesquisa justifica-se a partir do acréscimo significativo nos últimos tempos de estudantes de judô nas escolas públicas da região, por consequência, as academias que ofereciam esta prática, igualmente tiveram um grande procura e um incremento em número de alunos. Diante disso, observamos a necessidade de trazer a tona o passado do judô nesta região que vivia no silêncio. Materializar as narrativas é uma das formas de contribuição para com a preservação da memória do esporte, isto é, para que uma história não se perca. Assim sendo, por meio deste estudo, há a possibilidade de legado às futuras gerações. De outra banda, de acordo com Freitas (2002), dar voz a indivíduos que a história os esqueceu, não apenas aos grandes homens, como tem ocorrido, mas dando a palavra aos esquecidos ou vencidos da história. Este estudo, ainda, sustenta-se no arrazoar de Mazo, Silva e Frosi (2012), onde apontam o esporte como um fenômeno cultural fundamental para o entendimento da formação da identidade de uma localidade. Os autores creem que as investigações sobre gêneses e desenvolvimento do esporte institucionalizado contribuem não apenas para a análise do/no campo esportivo, deveras para conhecer/entender a sociedade envolvida. Portanto, partindo dessa premissa, este se encontra no arcabouço desses juízos.

Para a construção desta obra nos apoiamos em análise de documentos textuais e imagéticos, em entrevistas semiestruturadas, em história oral e na literatura existente.

O presente estudo, após esta introdução, chamada de “Considerações Iniciais”, apresenta o capítulo 2, denominado como “Referencial Teórico-metodológico”, onde traz à baila quais são as fundamentações utilizadas que nortearam os procedimentos metodológicos para as coletas, bem como para as

análises destas fontes documentais e orais. Dentro desse, ainda, habita os procedimentos éticos que o definiram.

No capítulo 3, intitulado como “O desembarque do judô no Brasil”, discorremos sobre o processo de criação do judô, através de seu idealizador Jigoro Kano, e sua difusão. Em seguida, priorizamos o panorama da introdução do judô no Brasil. No capítulo seguinte, “A chegada do judô no Rio Grande do Sul”, reservamos espaço para as narrativas dos diferentes processos de instalação e desenvolvimento do judô na região, a partir de Porto Alegre.

“O judô no litoral norte gaúcho: memórias de senseis” é o capítulo que prioriza o desenvolvimento do judô na região litorânea a partir de duas fases diferentes. Para cada momento, foi subcapitulado como “O percurso do sensei Joel Guarilha” e “O percurso do sensei Paulo Guimarães”. No primeiro subcapítulo, através das recordações de Joel Luiz Guarilha, se resgata a história vivida e a sua contribuição. Da mesma forma, no subcapítulo seguinte, a vida do judô na localidade é resgatada por Paulo Roberto da Silva Guimarães.

Ao final, fazemos o fechamento no capítulo “Considerações Iniciais” e, em seguida, as “Referências” usadas no aporte documental.

2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

“Um povo sem o conhecimento da sua história, origem e cultura é como uma árvore sem raízes.” (Marcus Mosiah Garvey)

Este capítulo trata do aporte teórico e a metodologia empregada para a constituição desta investigação acadêmica. Para podermos resgatar as memórias esportivas, a que nos propusemos a trabalhar, nos utilizamos a história oral, através do instrumento de entrevistas para termos acessos a memórias de personalidades que protagonizaram ou não os períodos destacados. Além disso, foram utilizadas fontes documentais e revisão bibliográfica.

O conceito de documento do passado é dado como o que serve de testemunho, ou seja, considera-se como documento ou fonte tudo que conter informações relevantes (CELLARD, 2008). Destarte, o mesmo autor observa que estes podem estar relacionados a manuscritos, textos escritos, iconografia e cinematografia, inclusive, podendo vir a considerar roteiros de entrevista, alfarrábios ou anotações feitas durante observações.

Conforme Medeiros (2009), é possível encontrar fonte de pesquisa documental em arquivos públicos, em empresas particulares, em entidades educacionais ou científicas, em arquivos de instituições religiosas, em acervos particulares, em cartórios, museus, videotecas, filmotecas, correspondências, diários, memórias, autobiografias ou coleções de fotografias.

Em relação à história oral, esta é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outras situações (ALBERTI In: PINSKY, 2005). Porém, conforme esta autora, a entrevista isoladamente, sem um processo de avaliação e interpretação não pode ser definida como história. Mas como uma fonte histórica.

De acordo com Delgado (2010), a história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através

das narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História.

Segundo Meihy (2002), a história oral sustenta um compromisso de registro permanente que se projeta para o além, sugerindo que outros possam usá-la de formas diversas. Portanto, Meihy (2002) destaca a necessidade de separá-la em fases. Aonde, primeiramente, vêm as gravações de entrevistas, estabelecimento de textos e, finalmente, suas análises. Aduz a obrigatoriedade da primeira fase. Entretanto, as outras dependem das determinações fundadas no projeto.

Andrade (2009) realça que a entrevista, desde que bem elaborada, executada e interpretada, se constitui em instrumento eficaz na coleta de informações fidedignas para a construção de um estudo científico. Ainda, reforça a importância da definição dos objetivos e dos tipos de entrevista, como deve ser planejada e executada.

Para Goellner *et al.* (2005), citando Thompson, o processo de recolhimento de dados, através da entrevista, está intrinsecamente ligado à memória. Para os autores, pesquisas e documentos se articulam na fabricação de documento histórico. Daí sua riqueza, pois a evidência oral, transformando os objetos de estudo em sujeitos, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira (GOELLNER *et al.*, apud THOMPSON, 2005)⁵.

Como peculiaridade da história oral, a entrevista sendo instrumento nativo, o pesquisador não pode negligenciar na escolha de suas fontes. É indispensável buscar depoimentos de personagens que possam fornecer subsídios efetivamente com o escopo central da matéria. Portanto, a escolha dos entrevistados não deve ser a partir de critérios quantitativos e sim na qualidade das informações que possam, porventura, surgir. Alberti (2005) ensina que, em primeiro lugar, convém ir à busca daqueles que “participaram, viveram, presenciaram ou se interaram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam oferecer depoimentos significativos”.

⁵ THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Para Andrade (2009), é de suma necessidade que o pesquisador conheça o entrevistado, sabendo se este preenche condições técnicas como: conhecer o assunto e se dispõe fornecer informações sobre o tema.

De acordo com Ferreira e Amado (2006), as entrevistas possuem uma característica ímpar, resultam entre a interação entrevistador e entrevistado, ou seja, é a relação entre sujeito e objeto de estudo. Para as autoras, isso leva o pesquisador a abster-se de interpretações fundadas numa austera separação entre sujeito/objeto de pesquisa, buscando caminhos alternativos de interpretação.

As entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Compreende todo um conjunto de atividades anteriores e posteriores à gravação dos depoimentos; exige, antes, a pesquisa e o levantamento de dados para a preparação dos roteiros das entrevistas. Nesse sentido, observamos, conforme Ramofly (2009), que a história oral pode, perfeitamente, dialogar com mapas, fotografias, documentos e demais fontes de consulta. Desta forma, durante a entrevista, Demartini (1997) ensina que a introdução das imagens (fotografias), além de reavivar a memória do entrevistado, aflorando novos elementos, leva o pesquisador para a realidade ora contada. Verifica-se que esta técnica auxilia no resgate das recordações.

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa histórica descritiva que busca narrar os fatos relevantes sobre a introdução do judô no litoral norte gaúcho. Destarte, visando às necessidades do estudo vigente e quais são os seus objetivos. Optou-se pela linha qualitativa, com perspectiva teórico-metodológica da história oral. Logo, os procedimentos metodológicos adotados são a pesquisa documental de arquivos e a história oral. Precisamos deixar claro, como pesquisa documental de arquivos, entendem-se informações contidas em jornais, em revistas, fanzines⁶, imagens iconográficas, da época que tenham determinada relação com o tema em pauta. Assim, o uso do documento enquanto fonte para pesquisa se explica por nos permitir acesso a informações de suposta relevância que, por ventura, possam estar

⁶ Abreviação de *fanatic magazine*, mais propriamente da aglutinação da última sílaba da palavra *magazine* (revista) com a sílaba inicial de *fanatic* (fanático).

emersos, sem o devido tratamento e que venham a contribuir para a formatação deste material.

De acordo com Bacellar (2005), para a coleta e posterior análise documental, deve-se seguir o roteiro, onde, primariamente, faz-se o fichamento das fontes, em seguida, a análise e, por fim, o cruzamento das informações colhidas. O colhimento de dados, através da história oral, isto é, pela gravação de entrevistas, também constitui como parte da metodologia deste trabalho. Esta forma de busca de informações se caracteriza como um processo de construções de elementos novos, onde, outrora, o acesso informativo estava restrito à pessoa ou no máximo ao seu entorno. Conseqüentemente, apurar através da historia oral denota trazer subsídios à baila conhecimentos históricos e científicos ainda que parcialmente cerrados. Portanto, neste estudo, o tipo de entrevista realizada foi a semiestruturada, em que consistiu na utilização de um roteiro previamente elaborado, aberto para novos questionamentos quando pertinentes. Tendo tópicos apoiados em teorias e hipóteses que se relacionavam ao tema da pesquisa, a escolha por este tipo de abordagem se justificou por permitir ao entrevistado consultar sua memória de forma mais aberta sem um condicionamento das respostas.

Portanto, fizemos uma pesquisa bibliográfica para que formássemos um lastro que subsidiasse esta investigação. Além das buscas físicas, em livros, jornais e revistas, foi realizado junto à internet, em *websites* especializados da área e consultado nas bases de dados das plataformas eletrônicas Google Scholar (Acadêmico), Portal de Periódicos Capes/MEC, Scielo, Pubmed e Lume, artigos, monografias, dissertações e teses informações que dessem conta do escopo deste trabalho. Após estas consultas, chegamos a nomes que, em tese, protagonizaram os feitos ora estudados em fases e momentos diversos ou que tivesse participado como espectador nas duas fases distintas dos intentos.

Posteriormente à aquisição das informações, de acordo com os pressupostos de Bardin (2000), submetemos essas informações à análise. Esta conduta nos possibilitou o cruzamento de dados, com suas respectivas significações, nos permitindo observar eventuais relações, dentro do contexto à época, entre textos e imagens.

Após pesquisa preliminar, chegou-se a nomes que possivelmente pudessem contribuir com a obra científica, quer seja através dos seus protagonismos ou que

tenham simplesmente pudessem compartilhar através de informações documentais ou de suas memórias. Portanto, os sujeitos desta pesquisa são Joel Luiz Guarilha, vulgo “Carioca”, e Paulo Roberto da Silva Guimarães.

A partir das pressuposições acima referidas, primeiramente, foram realizados contatos, via e-mail e após telefônico, com os professores Paulo Guimarães, Joel Guarilha, Carlos Matias Pauli de Azevedo e Cid Corrêa Rodrigues Júnior, onde se apresentou o objetivo do trabalho e se expôs a ideia de suas contribuições através de entrevista(s). Após o aceite inicial dos entrevistados, foi constituído um roteiro de entrevistas, que permitisse que os supracitados pudessem, de forma oral, buscando em suas memórias, desvelar trechos pertinentes para o estudo à época.

Para esta investigação, além das fontes orais, buscaram-se informações documentais impressas e iconográficas para sua efetivação. Portanto, esses dados foram coletados em arquivos pessoais dos entrevistados. O pesquisador entregou carta de apresentação (apêndice C), que esclareceu o teor da pesquisa e também o identificou. Neste documento (carta de apresentação), foi apresentada a solicitação para que fosse permitido, ao pesquisador, fotografar ou fotocopiar as fontes relevantes à pesquisa. Foi entregue uma cópia do documento ao entrevistado, com a assinatura do signatário, e outra cópia, com a assinatura do responsável, ficou tutelada ao pesquisador.

Em relação às pesquisas de cunho oral, aos entrevistados, foi apresentado e entregue o termo de consentimento livre e esclarecimento (apêndice D) e termo de declaração do entrevistado (apêndice E). O primeiro versa sobre o teor do trabalho, onde exime o declarante de qualquer obrigação para com a pesquisa. O segundo é uma declaração que foi assinada, declarando estar de acordo com a transcrição da entrevista, realizada pelo pesquisador. Ainda, ao assinar, ficou aprovada a outorga do depoimento ao Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), manifestando a ciência acerca de seus direitos em relação ao seu depoimento, além de concordarem com a publicação das suas identidades.

Para os judocas que verificamos presença na região ora pesquisada, através do ministério do judô, Adilson Varqueiro Oliveira, Ana Maria Kich, Felipe Parisoto, Gabriel Marques Nunes, Jean Duarte Vargas e Júlio César Bueno Perciúncula, foram enviadas mensagens eletrônicas (e-mail), para certificar as suas condições de

graduação e locais onde proferiram aulas, com os quesitos: nome completo; data de nascimento; graduação; LRSJ (___) - FGJ (___); cidade natal; cidade(s) onde ministra(s) aula(s); cidade(s) onde ministrou aula(s); outros dados que julgares útil. Com estes professores, não se registrou através de gravação de áudio entrevista; apenas, foram colhidos os dados supracitados. Todos os sujeitos responderam à solicitação, com exceção de Gabriel Nunes e de Júlio Perciúncula.

Em relação às fontes orais, aos dois primeiros informantes, Guimarães e Guarilha, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas (apêndice A). Para Paulo Guimarães, por escolha do próprio, foi realizada em minha residência, na cidade de Porto Alegre. O professor Joel Guarilha preferiu que fosse efetivada em sua moradia na cidade de Tramandaí. A entrevista do informante Cid Rodrigues Júnior aconteceu no dojô da Associação Atlética Banco do Brasil de Porto Alegre. Enquanto, para a entrevista do ex-presidente Carlos Matias houve alguns impedimentos para que o colhimento do depoimento ocorresse in loco. Assim sendo, foi prestado através de aparato digital correio eletrônico. Para estes, foi utilizado o roteiro (apêndice B). Todas as declarações foram gravadas digitalmente em tecnologia de geração atual. Após a transcrição das entrevistas para a linguagem escrita, as mesmas foram remetidas aos entrevistados para que eles pudessem conferir, analisar e confrontar, onde ratificariam ou não sobre o teor das mesmas, podendo ser refeitas ou retificadas.

Quanto ao período constituído referente à década de 1980, onde de certa forma a manifestação esportiva do judô ocorreu, mesmo que ocasionalmente, através de competições conhecidas por campeonato praiano, não logramos êxito em encontrar fontes que pudessem descrever, por ora, melhor a situação; uma vez que, documentos daquela época da Federação Gaúcha de Judô se perderam e entrevistados não têm maiores recordações sobre os fatos.

Em visita ao Museu Municipal Professora Abrilina Hoffmeister, localizado na Avenida Fernandes Bastos, nº 30, e à Biblioteca Pública Municipal Manoelito de Ornellas, situada na Avenida da Igreja, s/nº, em Tramandaí, não foram encontradas fontes documentais impressas pertinentes que pudessem auxiliar neste trabalho.

Além da utilização da literatura existente sobre o judô em âmbito internacional, nacional e regional, das matérias jornalísticas publicadas na internet, foi aproveitado documento redigido pelo ex-aluno do Professor Loanzi, Irineu

Pantaleão Bazacas, que, em vida, deixou para o seu aluno Breno Herbert Jones. Este, por sua vez, participou para o professor Cid Corrêa Rodrigues Júnior, o qual, no ano de 2015, nos fez a gentileza de ceder.

3. O DESEMBARQUE DO JUDÔ NO BRASIL

“Quem teme perder já está vencido. O judoca não se aperfeiçoa para lutar, luta para se aperfeiçoar”. (Jigoro Kano)

A luta é uma das formas mais antigas de manifestação de corporeidade humana. Pode ser encontrada como elemento da cultura corporal nas mais diversas civilizações, estando relacionado ao combate corpo a corpo (TENROLLER; MERINO, 2014). Indícios do uso pelos homens de alguma forma primitiva de luta individual e sem armas, conforme Virgílio (1994), data entre três e quatro mil anos a. C.. Apesar disso, o surgimento das lutas continua sendo uma incógnita. A literatura não é uníssona quando o assunto é sobre as origens das artes marciais. Há diversas hipóteses sobre a questão. No entanto, nenhuma que delibere de forma concisa. Alguns autores sugerem, por exemplo, que o jujitsu, jujutsu ou jiu-jítsu, apesar de ter se tornado mais popular no Japão, tenha o começo de sua história na Índia, há mais de dois mil anos atrás. Após a sua origem na Índia, acredita-se que ele tenha passado pela China e, finalmente, chegando ao Japão, embora sem muitas evidências (FERREIRA, 2006; CAZETTO, 2010; PACHECO, 2010; RUFINO, MARTINS, 2011).

Segundo Virgílio (1994), os monges monastérios indianos eram proibidos, pela religião, de se defenderem com armas. Porém, em suas longas caminhadas, eram atacados por bandidos das tribos mongóis do norte da Ásia, surgindo então a necessidade da defesa corpo a corpo. Conhecedores de anatomia humana e os seus pontos vitais, desenvolveram um tipo de defesa especial para o tipo físico do seu povo, baixinho e franzino.

Para entendermos o jiu-jítsu e, posteriormente, o surgimento do judô é necessário compreender a evolução das artes marciais japonesas. Faz-se indispensável diferenciar o bujutsu do budô. O *bujutsu* baseava-se em técnicas usadas na guerra para defender-se, vencer ou matar o oponente, incluindo o uso do arco, espada, lança, artilharia e técnicas de mãos vazias, como estrangulamentos, projeções, luxações de articulações (AMICI, 2003). Traduz-se como ciência da guerra ou ofício marcial, é o conjunto de sistemas de lutas desenvolvido, entre o

século X e o século XVI, para ser usado por guerreiros no campo de batalha. Faziam parte do treinamento militar dos samurais para uso na guerra. Utilizavam materiais agrícolas como meio de se defenderem de ataques, pois é uma arte marcial criada por camponeses. São exemplos o *kenjutsu* - arte da espada -, *kyujutsu* - arte do arco - ou *iaijutsu* - arte do duelo (ISIDORO *et al.*, 2015).

Conforme Isidoro *et al.* (2015), o budô, entendido como o caminho da guerra ou caminho marcial, surge a partir do século XVII, após um longo período de paz, como um conjunto de disciplinas espirituais não tão orientadas para o combate. Seriam formas de autoaperfeiçoamento com um forte conteúdo filosófico. Muitas artes marciais do budô foram evoluções do bujutsu. O kendô - caminho da espada - é criado a partir do *kenjutsu*. O kyudô - caminho do arco - se origina do *kyujutsu* e o iaidô - caminho do duelo - nasce do *iaijutsu*. Entre os estilos do budô encontra-se o jujutsu - arte da suavidade - um estilo de luta ofensivo-defensiva de mãos vazias, isto é, sem armas, que incluía socos, chutes, projeções, luxações, chaves de articulação e estrangulamentos. Esta luta pode ser considerada como a antecessora do judô, do karatê e do aikidô.

A rivalidade entre as escolas de lutas era muito grande e qualquer recurso para sobrevivência das mesmas era válido. Quando adeptos de estilos de lutas se defrontavam era mais na condição de inimigos, do que adeptos do esporte, importando a vitória acima de tudo, mesmo que acidentes viessem a ocorrer (VIRGÍLIO, 1994).

Havia várias escolas de jiu-jítsu e cada lutador tinha seu estilo próprio (VIRGÍLIO, 2002). Por isso o jiu-jítsu era conhecido por vários nomes, tais como *Kumiuchi*, *Aiki-jiu-jitsu*, *Koppo*, *Tai-Jutsu*, *Gusoku*, *Koshi-no-mawari*, *Yawara*, *Hade*, *Jutai-Jutsu*, *Shubaku*. No fim da era Tokugawa, de acordo com Kano (2008), existiam cerca de 700 formas de jiu-jítsu. Cada estilo tinha características próprias. Alguns davam mais ênfase às projeções ao solo, torções, estrangulamentos e outros enfatizavam ainda golpes traumáticos como socos e chutes. A partir de então, cada modelo deu origem ao desenvolvimento de artes marciais conhecidas atualmente de acordo com suas características de luta, entre elas, por exemplo, o judô, o karatê e o aikidô.

Por certo período, o jiu-jítsu foi a luta mais exercitada no Japão até o surgimento do judô como esporte em 1882. O jiu-jítsu chegou a ser proibido no

Japão durante certo período como crime de lesa pátria. Com a introdução da cultura ocidental no Japão promovida pelo imperador Mutsu Hito (1867 - 1912), as artes marciais ficaram esquecidas. Elas só foram ser valorizadas mais tarde, quando o ocidente também já apreciava esse tipo de luta (VIRGÍLIO, 2002).

Falar de judô é falar de Jigoro Kano. Ouvir o nome de Jigoro Kano nos faz lembrar Instituto Kodokan (KANO, 2008). Jigoro Kano nasceu em 28 de outubro de 1860, na cidade litorânea de Mikage, distrito regional de Hyogo, no Japão. Era poliglota e tinha formação em diversas áreas dos saberes. Era terceiro filho de uma família de três meninos e duas meninas. Seu pai chamava-se Jirosaku Mareshiba Kano e recebeu como nome de infância Shinnosuke (NUNES apud STEVENS, 2011, 2013)⁷.

Descendente de nobres, em 1871, ano da proibição do porte de espadas para samurais, juntamente com sua família, muda-se para viver em Tóquio (BONET-MAURY; COURTINE, 1994). No ano de 1873, entra para a escola Ikuei Gijuku, em Karasumori, Shiba, para aprender inglês e alemão com professores nativos (KANO, 2008).

Segundo Nunes (2011, 2013), sensei Kano, aos 14 anos, se matricula na Tokyo Foreign Language School⁸ para estudar inglês. Mais ou menos nessa época, despertou no jovem o interesse em aprender *jujutsu* para se defender do *bullying*⁹, exercido por alguns colegas. Ainda, observando a sua desvantagem física em relação aos seus colegas de aula, que costumavam lhe perturbar, Jigoro Kano procura por algum local que possa aprender a lutar (KANO, 2008; NUNES, 2011, 2013). Contudo, seu pai pensava na época que o *jujutsu* era uma prática ultrapassada e que seu filho deveria aprender as inovações trazidas da sociedade ocidental (NUNES, 2011, 2013).

Contrariando a vontade de seu pai, em 1877, com cerca de 17 anos de idade, franzino, não medindo mais do que 1,55 metros e pesando em torno de 55 quilos,

⁷ STEVENS, John. Três mestres do Budo: Kano (judô), Funakoshi (karate), Ueshiba (aikido). 2007.

⁸ Universidade de pesquisa dedicada ao estudo de língua estrangeira e assuntos internacionais.

⁹ Comportamento social que busca desmoralizar, com provocações ou brincadeiras desmoralizantes, um ou mais membros de um grupo social, incapazes de responder ou revidar às provocações.

Jigoro Kano entra para Escola Tenshin Shin'yo¹⁰, do mestre Hachinosuke Fukuda (NUNES, 2011, 2013).

No ano de 1881, Kano graduou-se em Literatura, Ciências Políticas e Econômicas, pela Universidade Imperial de Tóquio (KANO, 2008; SOUZA; MOURÃO; apud VIRGÍLIO, 2011)¹¹.

De acordo com Kano (1937), apesar do *shihan*¹² ter estudado o jiu-jítsu com mestres importantes, observava que faltava algo aos ensinamentos. Pois, naquele tempo, cada professor apresentava sua arte como um conjunto de técnicas e ninguém conseguia perceber o princípio diretivo fundamental que possuía. Quando Kano conseguia reconhecer as diferenças entre os ensinamentos das técnicas, normalmente, não identificava qual era o correto, o ser seguido. Desta forma, após se aprofundar nos estudos do jiu-jítsu, descobriu o que denominou de princípio universal. A ideia era o uso mais eficientemente da energia física e mental. A partir dessa premissa, Kano revisou todas as metodologias de ataque e defesa que conheceu nas lutas, e manteve somente aquelas que se alinhavam ao princípio. Descartou os golpes que julgasse não estar de acordo e, em seu lugar, trocava por outros.

Estes estudos ocorreram em um espaço cedido no templo budista Eisho-Ji de Kita Inaritcho¹³. Com o ideal de forjar cidadãos pacíficos e não somente guerreiros, sensei Kano iniciou o desenvolvimento de um método próprio, vindo a sistematizar as técnicas aprendidas da “arte da suave”. Em fevereiro de 1882, inicia a montagem da sua escola de artes marciais, a Kodokan, nas dependências do templo (VIRGÍLIO, 1994).

No ano em que Jigoro Kano se formou (1882), ele também fundou sua própria escola de inglês, chamada de Kobunkan, e, depois, outra escola, para estudar o caminho fraterno, chamado de Kodokan, localizada sobre um templo zen-budista, o Eishosi. Esta escola tinha como finalidade ensinar as lutas corporais. Sendo assim, Kano procurou trabalhar qualidades como o relacionamento, a

¹⁰ Estilo antigo (koryū) de budô criado por Iizasa Choisai Ienao durante o período Muromachi.

¹¹ VIRGÍLIO, Stanley. A arte do judô. Papirus: Campinas, 1986.

¹² Venerável mestre. Título concedido aos mais qualificados em áreas acadêmicas, artísticas e nas artes marciais.

¹³ Templo budista localizado em Tóquio, no distrito de Shitaya.

fraternidade, a disciplina, o civismo e o respeito, buscando disseminar uma nova luta mais esportiva, segura e sem segredos, que impedisse sua banalização, o que possibilitaria que fosse usufruída por todos, desde crianças até adultos em idade avançada. [...] Kano ansiava por recuperar e perpetuar a cultura japonesa, já tão influenciada pela cultura ocidental. Foi então, sob este contexto que Jigoro Kano desenvolveu uma nova arte marcial, ou seja, uma arte desenvolvida por meio dos estudos relacionados à educação, à compreensão das culturas ocidentais e à criação de um método de luta que não teria como finalidade o uso da força. Kano então criou o judô (SOUZA; MOURÃO, 2011, p. 21).

Kano Shinnosuke - apelido recebido na infância - reuniu o que imaginava existir de melhor, ignorando as técnicas mais lesivas, e, de forma pedagógica, agregando com outras que estivessem de acordo com os seus preceitos – o do melhor uso da energia mental e física - criando o que hoje conhecemos por judô, o caminho da gentileza (KANO, 2008; VIRGÍLIO, 1994). Diante disso, funda sua própria academia, batizando-a de Instituto Kodokan¹⁴ (KANO, 2008; NUNES, 2011, 2013). Conforme Amici (2003), ao eleger o nome de judô ao invés de jiu-jítsu, Jigoro Kano quis demonstrar o que se praticava no Kodokan era um sistema educativo-formativo para o corpo, a mente e o espírito, não simplesmente mais um estilo de luta.

Jigoro Kano, além de ser conhecido como entusiasta das artes marciais e como fundador do judô, também era um dos maiores incentivadores do time olímpico japonês (WATSON, 2011). No ano de 1909, tornou-se membro do Comitê Olímpico Internacional, como primeiro representante do Japão. Após comparecer à Assembleia Geral do COI, no Cairo, no Egito, onde propôs que a sede do 12^a Jogos Olímpicos fosse a Tóquio, no Japão, morreu, em 4 de maio de 1938, em alto mar a bordo do navio, Hikawa Maru, da companhia Nihon Yusen (VIRGÍLIO, 1994; AMICI, 2003; KANO, 2008; NUNES, 2011, 2013).

Com a disseminação do judô de Kano pelo mundo, onde ganhou enorme popularidade, eram rotineiras as confusões que faziam entre os estilos e as nomenclaturas adotadas. Para solucionar esses conflitos semânticos, no ano de 1925, por decreto do Imperador, todas as lutas de *jiu-jítsu/jujutsu* passaram a se chamar judô (NUNES, 2011, 2013).

¹⁴ O termo significa Escola para Desenvolver o Caminho ou Instituto do Caminho da Fraternidade - "Ko" significa fraternidade, irmandade; "Do" significa caminho, via; e "Kan" instituto.

O antigo sonho de Jigoro Kano e que ele tanto buscou em tornar a capital do seu país sede de jogos olímpicos ocorreu somente depois de seu falecimento. O judô, em 1964, foi disputado como esporte de apresentação nos Jogos Olímpicos de Tóquio, no Japão. Nos JJOO seguinte, em 1968, na Cidade do México, o judô não integrou o evento. Contudo, em 1972, foi integrado definitivamente ao programa olímpico, em Munique, na Alemanha. Porém, sendo apenas disputado no naipe masculino (NUNES, 2011, 2013).

Entre os dias 14 e 17 de outubro de 1965, o Brasil sediou o 4º campeonato mundial de judô. O estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, foi palco da luta mais esperada entre o gigante holandês Anton Geesink¹⁵ e o japonês Isao Inokuma¹⁶. O destaque foi o número de países participantes, mais de 43, e o de atletas, cerca de 1500, um número superior ao disputado nos Jogos Olímpicos de Tóquio (JUDÔ NO BRASIL, 1965).

O judô aportou às terras brasileiras, trazido por nipônicos, no início do século XX. Entretanto, as informações e as fontes são imprecisas em relação à época em que o judô foi precisamente introduzido aqui. Especula-se que não somente esta modalidade de luta, mas também variadas artes culturais e outros tipos de lutas japonesas ancoraram juntamente aos mais de setecentos imigrantes japoneses (SCHNEIDER, 2012; NUNES, 2011, 2013).

A entrada do judô apresenta duas versões. Uma delas aventa que foi através de dois alunos de Jigoro Kano do Instituto Kodokan, Mitsuyo Maeda¹⁷ ou “Conde Koma” e Soishiro Satake¹⁸, que estavam a viajar pelo mundo realizando demonstrações de jiu-jítsu, desafiando lutadores de qualquer modalidade (VIRGÍLIO, 2002). Nunes (2011, 2013) afirma que os japoneses Laku e Shimisu se juntaram a Maeda e Satake, respectivamente, no Peru e na Argentina, durante a passagem da dupla por esses países. Após entrarem no Brasil, em 14 de novembro de 1914, pelo

¹⁵ Antonius Johannes Geesink, holandês e o único atleta da modalidade, não japonês, portador do décimo dan até a data do seu falecimento (2010). Em 1961, foi o primeiro campeão mundial de judô não originário do Japão.

¹⁶ Campeão olímpico em 1964. Foi presidente da Tokai Kensetsu, uma empresa de construção e suicidou-se em 2001. Foi campeão mundial no Rio de Janeiro em 1965.

¹⁷ Judoca japonês, naturalizado brasileiro como Otávio Maeda. Também, era conhecido como "Conde Koma", uma alcunha que ganhou na Espanha em 1908. É tido como o introdutor do jiu-jítsu no Brasil

¹⁸ Judoca japonês, naturalizado brasileiro como Antônio Soshihiro Satake. Chegou ao Brasil juntamente com Mitsuyo Maeda.

Rio Grande do Sul, onde teriam se exibido pela primeira vez, em Porto Alegre, seguiram para o Rio de Janeiro, depois para São Paulo, Salvador, Recife e São Luiz. Chegaram a Belém, em outubro de 1915, e depois foram para Manaus, chegando no dia 18 de dezembro. A primeira apresentação da trupe japonesa, na capital do Amazonas, intermediado pelo empresário Otávio Pires Júnior, foi em 20 de dezembro de 1915, no teatro Politeama, sendo exibidas técnicas de torções, defesas de agarres, chaves de articulações, demonstração de armas japonesas e desafio ao público (VIRGÍLIO 2002; NUNES, 2005).

O grupo passou por várias capitais brasileiras, ensinando o método Kano, até instalarem-se na Região Norte do Brasil (TENROLLER; MERINO, 2014). Maeda fixou residência no Estado do Pará e Satake aquerenciou-se no Amazonas, onde constituíram família e viveram a ensinar arte marcial (VIRGÍLIO, 2002; NUNES, 2011, 2013).

A hipótese mais difundida e aceita para a introdução do judô em solo verde-amarelo, de acordo com Nunes (2011, 2013), está relacionada com a chegada do navio japonês Kasato Maru¹⁹. Em 18 de junho de 1908, no porto de Santos, desembarcaram imigrantes japoneses que tinham como objetivo precípua de fazer fortuna e retornar para sua terra natal (NUNES; RUBIO, 2012). Esses estrangeiros que se assentaram no Brasil, inicialmente, vieram para trabalhar nas lavouras de café no Estado de São Paulo e no norte do Paraná. Contudo, como forma de combater a saudade, manter os costumes e as tradições de sua terra, estudavam o judô, dentro de suas colônias (NUNES, 2011, 2013).

Conforme Nunes (2011, 2013), em São Paulo e no norte do Paraná o judô começou a ser praticado no interior da colônia japonesa desde os primeiros anos da imigração e, a partir daí, foi se expandindo por todo o Brasil.

No ano de 1965, o Rio de Janeiro foi palco do 4º Campeonato Mundial de Judô o que movimentou fortemente o cenário nacional (JUDÔ NO BRASIL, 1965).

Com a entrada do judô para o rol das modalidades olímpicas - antigo sonho de Jigoro Kano – a partir de Tóquio 1964, o esporte observou a necessidade de ter

¹⁹ Navio que, em 1908, trouxe o primeiro grupo oficial de imigrantes japoneses para o Brasil. A viagem começou no porto de Kobe e terminou, 52 dias depois, no Porto de Santos em 18 de Junho de 1908. Vieram 165 famílias (781 pessoas) que foram trabalhar nos cafezais do oeste paulista.

direção individualizada. Pois, desde o ano de 1941, a Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP) era a responsável pela administração, além do boxe, de todas as outras modalidades de combate, como judô, karatê, capoeira, greco-romana, luta-livre, entre outras em nível nacional (SOUZA, 2012; JAQUEIRA; ARAÚJO, 2013). Portanto, com a expansão do judô por diversos estados brasileiros, alguns expoentes pensaram que esta deveria se emancipar administrativamente. No final da década de 60, judocas, tanto em âmbito estadual quanto em nacional, procuraram constituir os seus próprios órgãos federativos (NUNES, 2011, 2013).

Em 18 de março do ano de 1969, foi finalmente fundada a Confederação Brasileira de Judô (FRANCHINI; DORNELES, 2005). Em 22 de fevereiro de 1972, obteve o seu reconhecimento oficial mesmo ano dos JJOO de Munique (NUNES; RUBIO, 2012).

Neste sentido, algumas federações estaduais foram criadas como em Minas Gerais, em 10 de junho de 1961; na Bahia em 16 de abril de 1970; no Rio Grande do Sul (1969/1970) e no Mato Grosso foi reconhecida em 1983 (NUNES, 2011, 2013).

No ano de 1972, o Brasil conquistou a primeira medalha olímpica no judô. Chiaki Ishii, japonês naturalizado brasileiro, ficou com o bronze nos Jogos Olímpicos de Munique, na Alemanha. A primeira medalha de ouro olímpica na modalidade veio por intermédio do paulista Aurélio Miguel em Seul, Coreia, no ano de 1988. Em 1992, o santista Rogério Sampaio Cardoso arrebatou a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Barcelona, na Espanha (NUNES, 2011, 2013). Nos Jogos Paralímpicos de Atlanta 1996, o judoca Antônio Tenório da Silva arrebatou o ouro, feito igualado nos jogos olímpicos seguintes em Sidney 2000 e em Atenas 2004 (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2016).

O atleta da Sogipa João Derly de Oliveira Nunes Júnior, no Cairo, no Egito, em 2005, se sagrou o primeiro campeão mundial brasileiro (KOCH; PEREIRA, 2007). No ano de 2007, no Rio de Janeiro, o gaúcho Derly novamente conquistou o ouro, juntamente com Tiago Camilo e Luciano Corrêa (NUNES, 2011, 2013).

Nos Jogos Olímpicos de Pequim, na China, em 2008, a brasiliense Ketleyn Quadros entrou para a história do esporte brasileiro ao se tornar a primeira mulher do país a conquistar uma medalha, o bronze, em uma modalidade individual

(NUNES, 2011). Nos Jogos Paralímpicos de Pequim, Antônio Tenório conquistou o seu quarto ouro (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2016).

Nos Jogos Olímpicos Londres 2012, a peso leve, Sarah Gabrielle Cabral de Menezes, se tornou a primeira judoca a conquistar um ouro (NUNES, 2013).

No Campeonato Mundial do Rio de Janeiro, em 2013, a carioca do Instituto Reação, Rafaela Lopes Silva se sagrou a primeira brasileira campeã. No ano seguinte, em Chelyabinsk, na Rússia, a porto-alegrense Mayra Aguiar da Silva subiu na parte mais alta do pódio (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2014).

Nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro 2016, o Brasil conquistou a sua quarta medalha de ouro olímpica, através da Rafaela Silva (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2016).

4. A CHEGADA DO JUDÔ NO RIO GRANDE DO SUL

“Saber cada dia um pouco mais e usá-lo todos os dias para o bem, esse é o caminho dos verdadeiros judocas”. (Jigoro Kano)

As confusões entre o que é jiu-jítsu e judô no século passado eram costumeiras. Franchini e Dorneles (2005) garantem que ambos os termos eram usados indistintamente no início do século XX. O que pode explicar algumas questões em relação às identidades das duas artes marciais nos primórdios de suas práticas em solo brasileiro.

Como sendo o precursor do judô no Rio Grande do Sul, autores creditam ao paraibano Aluísio Nogueira Bandeira de Mello, o professor Loanzi, (NUNES; KOSSMANN; SCHAMES, 2005; MADURO, 1999). Segundo Vargas Neto (2014), Loanzi foi o introdutor da modalidade em terras gaúcha. É datado no ano de 1935 que durante as festividades do Centenário da Revolução Farroupilha, em Porto Alegre, Aluísio Bandeira de Mello teria realizado demonstrações de luta (MADURO, 1999; NUNES; KOSSMANN; SCHAMES, 2005). No entanto, matéria em extinta revista especializada em judô diz que, em 1938, Loanzi, um paraibano da cidade de Brejo da Areia, chegava a Porto Alegre para ficar, após uma longa temporada de lutas nos ringues (JUDÔ NO BRASIL, 1965). Contudo, não há nenhum dado ou documentação que aponte que a apresentação tenha sido judô ou que Loanzi tenha aprendido esta arte marcial. Para Bazacas (2013), Loanzi chegou a Porto Alegre, em 1953, para ensinar luta-livre no Esporte Clube Cruzeiro²⁰, que se situava à época onde se encontra o cemitério João XXIII. De acordo com Judô no Brasil (1965), naquele tempo conhecia-se alguma coisa de jiu-jítsu que o Conde Koma transmitiu para Loanzi, Carlos Gracie²¹ e outros alunos. No ano de 2009, o professor Luiz Escandiel²² garantira que o estilo de Bandeira de Mello era o jiu-jítsu, o que vem corroborar com o depoimento do primeiro presidente da Federação Gaúcha de Judô

²⁰ Clube brasileiro de futebol fundado em 14 de julho de 1913 em Porto Alegre. Atualmente, sua sede está na cidade de Cachoeirinha, no Rio Grande do Sul. Foi o primeiro clube gaúcho a viajar pela Europa, no ano de 1953.

²¹ Foi um mestre do Jiu-Jitsu no Brasil. Filho de Gastão Gracie e aluno de Mitsuyo Maeda, ele é considerado o criador do sistema de arte marcial brasileira Brazilian Gracie Jiu-Jitsu.

²² Entrevista a Miguel Noronha Flores não publicada (no prelo).

(FGJ), Ricardo Rodrigues Gastón (2002), que assegurara que a luta praticada por este era o jiu-jítsu, asseverando que Loanzi não era professor de judô, o negócio dele era chão, de pé não fazia nada. Colaborando com estas informações sobre o professor Loanzi ser lutador de jiu-jítsu, está na passagem em que o japonês Teruo Obata²³, ao ser convidado a dar aulas de judô, após se sagrar o primeiro campeão gaúcho de sumô frente aos alunos de Aluísio de Mello, em evento realizado em Viamão, na Academia Ruy Barbosa, encontrou na porta de entrada desta a inscrição “jiu-jítsu” (NUNES; KOSSMANN; SCHAMES, 2005).

Figura 1 – Dojô do Sport Club Ruy Barbosa. Professor Loanzi à direita e seus alunos.



Fonte: acervo pessoal de Joel Luiz Guarilha

O judô em solo gaúcho, possivelmente, tenha começado de fato, em Porto Alegre, pelo imigrante japonês Takeo Yano. Embora, Conde Koma tenha entrado no Brasil, por Porto Alegre, em 14 de novembro de 1914, e tenha realizado com sua trupe apresentação da luta, não há registros de que tenha instituído a modalidade neste território (NUNES, 2011, 2013). Conforme Irineu Pantaleão Bazacas²⁴ (2013), no início dos anos 50, a capital gaúcha recebeu o professor Yano, campeão de judô

²³ Japonês radicado em Porto Alegre. Ministrou aulas de judô.

²⁴ Material não publicado.

de uma província ao sul do Japão, faixa preta 3º *dan*²⁵ e, à época, com 42 anos de idade. Yano desembarcou no Brasil para labutar na agricultura, como não gostava de trabalhar no campo, saiu das lavouras e foi morar na capital de São Paulo. Passou a ministrar aulas em uma academia na Avenida Ipiranga, na região central de São Paulo, e, para manter-se, além das aulas, realizava algumas lutas de *catch*²⁶.

Ainda, no final de 1950, de acordo com Bazacas (2013), alguns lutadores vieram para Porto Alegre para realizar demonstrações de *catch*. Carlos Mateus - filho do dono do Café Mateus, tradicional apoiador e patrocinador de eventos de lutas – através de cotização entre seus amigos, arrumou uma forma de Yano morar em Porto Alegre para ensinar artes marciais. Através da amizade que possuía com o gerente do Hotel Majestic²⁷, Carlos Mateus conseguiu espaço no terraço do hotel para que montassem o primeiro dojô²⁸ do Rio Grande do Sul. Como não havia tatames e o transporte de São Paulo era muito caro, a área de treinamento foi forrada com serragem e coberta com lona. Por causa do alto custo das despesas, em meados do ano seguinte, 1951, os associados ao dojô buscaram uma alternativa mais barata. Sabendo sobre as condições que se encontrava o Sport Club Ruy Barbosa²⁹, então, um clube de futebol de policiais, que, no momento, só havia carteadado e ping-pong, procuraram o presidente da entidade, o delegado de polícia Cavali, para uma proposta de parceria. Takeo Yano daria aulas de graça aos sócios do Clube, em contrapartida, eles poderiam usar a sede para ministrarem aulas sem ônus.

Takeo Yano, em meados de 1951, promoveu para faixa marrom 1º kyu os alunos: Irineu Pantaleão Bazacas, Januário Dias Rezende, Daly Arnaldo Volkmann, Theodoro Saibro Mascarenhas, Iwao Sugo, Jorge André Prates Aveline e Carlos

²⁵ Grau.

²⁶ Estilo de luta tradicional que se desenvolveu e se popularizou no final do século XIX pelos lutadores do carnaval itinerante, que tem incorporado *submission holds*, ou *hooks*, em sua luta para aumentar sua eficácia contra os seus adversários. O *catch wrestling* deriva de vários estilos diferentes, o estilo inglês de *wrestling* de Lancashire (*catch-as-catch-can*), o *collar-and-elbow* irlandês, a luta greco-romana, os estilos do subcontinente indiano como o *pehlwani*, e os estilos iranianos como o *varzesh-e pahlavani*.

²⁷ Estabelecimento que foi situado na Rua dos Andradas, no Centro de Porto Alegre. Teve o seu auge nos anos 30, 40 e 50. É o prédio onde, atualmente, abriga a Casa de Cultura Mário Quintana.

²⁸ Local onde se ensinam e se treinam as artes marciais japonesas.

²⁹ Clube de futebol brasileiro, sediado em Porto Alegre. Suas cores eram branco e verde. Foi fundado no dia 21 de outubro de 1915.

Mateus. No ano seguinte, os mesmos alunos, menos Carlos Mateus que não participava mais dos treinamentos, passam para 2º kyu e 3º kyu respectivamente (BAZACAS, 2013).

Em 1953, o japonês Yano graduou os primeiros faixas-pretas gaúchos: Irineu Pantaleão Bazacas, Januário Dias Rezende, Daly Arnaldo Volkmann, Theodoro Saibro Mascarenhas, Iwao Sugo e Jorge André Prates Aveline (BAZACAS, 2013).

Em outubro de 1954, no Rio de Janeiro, nas dependências do Tijuca Tênis Clube, foi realizado o 1º Campeonato Brasileiro de Judô. O evento contou com a participação da delegação gaúcha, composta por João Graef, Teodoro Mascarenhas, Roberto Schames, Daly Volkmann, Teodor Saibro Neto, Nelson Cardoso e como treinador Januário Dias Rezende. O Rio Grande do Sul ficou com a terceira colocação (NUNES; KOSSMANN; SCHAMES, 2005). Em relação à identificação do atleta Nelson Cardoso pode ser verificado que se trata da pessoa de Nilson Cardoso de Souza. Quanto a Teodor Saibro Neto, apurou-se que era a pessoa de Teodoro Schwerin Saibro. Costumeiramente, era chamado de Teodoro Saibro Neto, pois seu pai era Theodoro Santayana Saibro e seu avô Theodoro Saibro Jardim. O bisavô era Theodoro Rodrigues Saibro. Ele era primo-irmão de Theodoro Saibro Mascarenhas, seu contemporâneo, e que teria chegado à faixa marrom no judô³⁰. Diferente do supracitado, conforme Bazacas (2013), Theodoro Mascarenhas teria ido além de *ikkyu*³¹ chegou a *yudansha*³² 3º grau.

No mesmo ano, Januário Rezende pagou as dívidas de Yano e o japonês partiu embora para São Paulo (BAZACAS, 2013). Alexandre Velly Nunes (2013), sem precisar a data, traz versão diferente, onde o nipônico teria perdido a sua academia por causa de jogatinas e teria rumado para o nordeste brasileiro.

No ano de 1956, Januário transferiu o dojô Sport Club Ruy Barbosa para o paraibano Alúcio Nogueira Bandeira de Mello (BAZACAS, 2013). Com a mudança de titularidade, alguns alunos deixaram a Ruy Barbosa. O próprio Januário abriu o

³⁰ Informação por email de Teodoro Schwerin Saibro Junior, filho de Teodoro Schwerin Saibro.

³¹ Faixa marrom ou 1º kyu.

³² Faixa preta.

departamento de judô no Sport Club Internacional e Iwao Sugo formou o dojô do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense³³.

Obata chegou ao Brasil em 13 de agosto de 1959 e finalmente em São Paulo no dia 15 do mesmo mês e ano. Nessa época a região já tinha muitos japoneses e por isso migrou para o Rio Grande do Sul, seguindo a orientação de Lilil jornal japonês editado em São Paulo (NUNES, 2011, 2013). Conforme Boehl (2010), o próprio seria amigo de Massao Shinohara, que estava em São Paulo há algum tempo treinando judô, teria dito que seria melhor ir para Porto Alegre, pois ninguém permanecia. Então, em 1960, Teruo Obata chegou a Porto Alegre e logo se inseriu ao meio.

No ano de 1968, Bazacas (2013) afirma que foi iniciado um movimento para desvincular o judô da Federação Rio-Grandense de Pugilismo. Em relação à institucionalização do judô no Estado, Maduro (1999) certifica a importância histórica para o judô gaúcho a criação do departamento da modalidade junto à Federação Rio-Grandense de Pugilismo, dirigida pelo presidente Tarzan Mirim, alcunha de Moacyr Lauro Dornelles. Onde o judô gaúcho viveu sob a tutela desta entidade até o ano de 1969, quando os judocas observaram a necessidade de possuírem identidade própria. Tal informação é corroborada pelo ex-presidente da Federação Gaúcha de Judô, Carlos Matias Pauli de Azevedo³⁴, o qual participou das tratativas da criação. Azevedo (2013) afirma que naquela época, o judô já exigia entidade própria. Neste mesmo ano, os judocas gaúchos mobilizaram-se para que o judô deixasse a Federação Rio-Grandense de Pugilismo - que agrupava todos os tipos de luta – para formar uma instituição própria.

Em assembleia geral, então, foi decidido, em 11 de março de 1969, nas dependências do Círculo Social Israelita, com a presença de representantes do Clube Israelita, Judô Clube Portoalegrense, Gondoleiros, Vila América, Judô Clube Metropolitano e do convidado especial vereador Cleon Guatimozim, a fundação da entidade (MADURO, 1999; NUNES; KOSSMANN; SCHAMES, 2005). A direção da FGJ ficou a cargo de Ricardo Rodrigues Gastón como presidente e Zilmar Medeiros de Albuquerque como vice-presidente. Contudo, para Azevedo (2013), essa

³³ Clube de futebol brasileiro da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, fundado em 15 de setembro de 1903 e suas cores são o azul, preto e branco.

³⁴ Entrevista no ano de 2013 ainda não publicada.

formação não foi efetivada. Mesmo que tenha sido registrada em cartório, não foi aceito a decisão do colegiado pelo ora recém-eleito presidente da FRGP, Aluísio Nogueira Bandeira de Melo, o Loanzi. Para que ocorresse a oficialização da Federação Gaúcha de Judô, na época, era necessária a anuência deste, onde somente ele teria o poder de permitir o nascimento da instituição.

Cleto Alves Mendes (2010), em entrevista para o sítio Portal do Judô, afirma que foi o responsável pelo convencimento, através da sua proximidade com Aluísio de Melo, seu padrinho de casamento, para que este aceitasse a oficialização da Federação Gaúcha de Judô. Segundo Alves (2010), veio do Rio de Janeiro um dirigente para auxiliar na preparação da nova federação. Em relação ao primeiro presidente da FGJ, Ricardo Gastón, Cleto afirmou que ele próprio foi buscá-lo na Prefeitura de Porto Alegre para ser o presidente da comissão. Onde, primeiramente, Gastón teria ficado reticente, pois como estava com relação cortada com o Professor Loanzi, temia sofrer retaliação. Porém, Cleto Alves garantiu que estava tudo ajustado entre eles para a reunião, que não haveria hostilidade. A eleição para a diretoria da FGJ ocorreu normalmente.

Houve uma votação, o professor Matias com uma caixa de papelão em cima do tatame onde colocaria os votos. O professor Matias não se lembra. Aí, ficou o professor Gaston como presidente e o professor Matias como vice-presidente. Dona Franci Ponce³⁵ ficou como secretária. Todos os trâmites foram concluídos e está aí a FGJ (MENDES, 2010).

Corroborando com Alves, Azevedo (2016), relata que, em 4 de setembro do ano seguinte, após algumas tratativas, na sede da academia Ruy Barbosa, em reunião realizada com entidades interessadas, o presidente da FRGP – que havia sido conduzido ao cargo para que fosse um facilitador para a ideia da nova entidade – resolveu, finalmente, autorizar a criação. Porém, exigiu que houvesse mudanças na composição diretiva inicial. Como presidente, Ricardo Rodrigues Gastón, foi mantido; entretanto, Carlos Matias foi conduzido à vice-presidência, acumulando também o cargo de diretor-técnico (AZEVEDO, 2013).

³⁵ Franci Teresinha Ponce.

Conforme Azevedo (2013), não foi lavrado ata desta nova eleição. Talvez, por isto, a data oficial de fundação considerada, pela administração da FGJ, seja 11 de março de 1969. Por causa deste imbróglio onde apenas o presidente da chapa daquele ano permaneceu. Os demais foram substituídos. Para Carlos Matias Paulo de Azevedo (2013), não deveria ser considerada essa data e, sim, o ano de 1970. No entanto, Nunes, Kossmann e Schames (2005) asseguram que a Federação Gaúcha de Judô, teria sido fundada em 1969 e aceita, como filiada, à Confederação Brasileira de Judô, em 4 de setembro do ano seguinte.

Com a criação de entidade federativa independente, o judô gaúcho parece ter uma ascensão em relação aos outros estados. Em 1972, o judoca Francisco Xavier de Vargas Neto conquista a primeira medalha em campeonatos brasileiros na categoria sênior. No ano de 1980, Lara Mary Cunha, da Academia Stylo, participa do primeiro Campeonato Mundial de Judô em Nova Iorque. Rosimeri Salvador conquista o bronze Campeonato Panamericano em Indianápolis 1987. Em 1996, o porto-alegrense Alexandre Garcia se sagra o primeiro judoca gaúcho a participar de jogos olímpicos. Garcia participa como titular da Seleção Brasileira nos Jogos Olímpicos de Atlanta (NUNES, KOSSMANN E SCHAMES, 2005).

Vinte anos depois da conquista de Rosimeri Salvador em competição panamericana, nos Jogos Panamericanos do Rio de Janeiro, o porto-alegrense João Derly e o paulista de Tupã, Tiago Camilo, que treinava na Sogipa, conquistaram medalhas douradas. Depois, em 2011, em Guadalajara, no México, o paulista radicado em Porto Alegre, Felipe Kitadai, subiu no topo do pódio da categoria leve. A judoca nascida em Júlio de Castilhos, Maria de Lourdes Mazzoleni Portela, e a porto-alegrense Mayra Aguiar da Silva ficaram com o bronze. Em Toronto, no Canadá, no ano de 2015, Felipe Kitadai mais uma vez ficou com o ouro. Maria Portela e Mayra Aguiar ficaram na segunda colocação.

Nos campeonatos mundiais júnior de 2000 e de 2002, respectivamente, em Nabul na Tunísia e Jeju Island na Coreia do Sul, o Rio Grande do Sul conquistou três medalhas. Em Nabul, João Derly foi ouro; enquanto, Moacir Mendes ficou com o bronze. Na Coreia do Sul, a sogipana Taciana Lima, nascida em Recife e arraigada em Porto Alegre, arrebatou o bronze na categoria leve. A sogipana Mayra Aguiar foi a atleta que mais conquistou medalhas em mundiais júnior para o Rio Grande do Sul. Foram dois bronzes, uma prata e um ouro. Sendo que a primeira foi aos 15

anos, em 2006, em Santo Domingo, República Dominicana. O Rio Grande do Sul ainda arrebatou mais sete medalhas nos eventos seguintes.

Diante disso, assevera-se que o Rio Grande do Sul possui protagonismo através de atletas nascidos em Porto Alegre quando o tema é campeonato mundial sênior. Dos três títulos conquistados em mundiais, o judoca João Derly de Oliveira Nunes Júnior arrebatou dois: Cairo 2005 e Rio de Janeiro 2007, sendo o primeiro brasileiro a sagrar-se campeão mundial e o único brasileiro bicampeão do mundo. Ainda em 2007, o paulista Tiago Henrique de Oliveira Camilo, radicado na época em Porto Alegre, sagrou-se campeão. A sogipana Mayra Aguiar da Silva esteve no topo do pódio em campeonato mundial. Venceu em Chelyabinsk, na Rússia, no ano de 2014. Porém, havia conquistado antes a prata no Mundial de Tóquio, no Japão, em 2010 e, por duas vezes foi medalhista de bronze, uma em Paris, no ano de 2011, outra no Rio de Janeiro, em 2013.

Sobre jogos olímpicos, na categoria meio-pesado, Mayra Aguiar da Silva, conquistou dois bronzes olímpicos, um em Londres 2012 e o outro no Rio 2016. Nos Jogos de Londres, o paulista Felipe Kitadai, treinando na Sogipa, ficou na terceira colocação.

A sogipana Maria Portela, com participações nos Jogos Olímpicos de Londres 2012 e do Rio 2016, sagrou-se campeã mundial militar, em 2011, no Rio de Janeiro, depois, em 2015, ficou com a prata, em Mungyeong, na Coreia do Sul. Nesta mesma competição, Felipe Kitadai buscou o ouro e a pelotense Rochele Nunes ficou na terceira colocação na categoria pesado.

Tabela 1 – Quadro de Medalhas de conquistas do Brasil e do Rio Grande do Sul.

EVENTO	OURO	PRATA	BRONZE	TOTAL	MEDALHAS GAÚCHAS
JOGOS OLÍMPICOS	4	3	15	22	4
JOGOS PARALÍMPICOS	4	9	9	22	0
JOGOS PANAMERICANOS	25	29	43	97	9
MUNDIAL SÊNIOR	6	11	23	40	7
JOGOS MUNDIAIS MILITARES	6	7	6	19	4
MUNDIAL JÚNIOR	12	17	30	59	10

5. O JUDÔ NO LITORAL NORTE GAÚCHO: MEMÓRIAS DE SENSEIS

“O judô pode ser considerado como uma arte, ou uma filosofia do equilíbrio, bem como um meio para cultivar o sentido e o estado de equilíbrio”. (Jigoro Kano)

Para que possamos contextualizar a pesquisa, se faz necessário entender a localização da região à época e como era constituída. O litoral norte situa-se na parte leste do Rio Grande do Sul, sendo banhado pelo oceano Atlântico. É composto pelos municípios de Arroio do Sal, Balneário Pinhal, Capão da Canoa, Capivari do Sul, Caraá, Cidreira, Dom Pedro de Alcântara, Imbé, Itati, Mampituba, Maquiné, Morrinhos do Sul, Osório, Palmares do Sul, Terra de Areia, Torres, Tramandaí, Três Cachoeiras, Três Forquilhas e Xangri-lá. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016).

Em 24 de setembro de 1965, o balneário de Tramandaí emancipa-se político-administrativamente do município de Osório, que outrora fazia parte da área territorial de Santo Antônio da Patrulha. Até 9 de maio de 1988, os municípios de Imbé e Cidreira pertenciam a Tramandaí, data da emancipação dos mesmos (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016).

O que se sabia até então sobre o judô na região é que teria iniciado no final da década de 1990 na cidade de Tramandaí através do professor Paulo Guimarães. Era comum contar a história do caminho suave praiano a partir desse olhar. O que se costumava ouvir era que vendedor de filtros e purificadores de água, no final da década de 90, estaria na região a trabalho. Então, no verão de 1998, cansado de vendas, pensou em estabelecer residência em Tramandaí, para passar a ensinar judô. Recebido a outorga pela Federação Gaúcha de Judô (FGJ) de faixa preta *shodan*³⁶ (1º grau) foi lhe permitido a ministrar aulas. Diante disso, pensou em desenvolver este esporte na localidade. Iniciou ministrando suas aulas, em alguns tatames de palha, em um espaço cedido pelo poder público municipal no Ginásio Sessinzão ou Gigantinho³⁷. Começou com poucos alunos, conforme o tempo ia

³⁶ É o judoca graduado na faixa preta primeiro dan (grau).

³⁷ Centro de Cultura e Lazer Tenente Marino Dias de Oliveira, situado na Avenida da Igreja, 346, Centro, Tramandaí.

passando, a notícia ia se espalhando sobre as aulas de judô, novos alunos iam chegando, alguns permanecendo e a turma aumentando.

O fato ora narrado se dava como verdade absoluta. Não que não tivesse ocorrido e que substancialmente não tenha sido importante, mas havia uma antecedência que não poderia ser negligenciada. Corroborando com o ora descrito, em fevereiro de 2012, o professor Paulo Guimarães divulga uma nota, no extinto sítio eletrônico Portal do Judô, em relação ao impedimento de sua preleção, por parte da equipe diretiva da FGJ, através do presidente Luiz Maduro, na abertura da 9º Copa Tramandaí. Em sua fala, afirma que foi no ginásio municipal daquela cidade, com 20 tatames de palha, que o judô na região surgiu (GUIMARÃES, 2012).

Mais tarde, sabendo do equívoco, em carta aberta de despedida do Centro Esportivo Judomar, Guimarães (2014) redimiou-se e narrou que de fato antes de si houve a presença do professor de judô Joel Guarilha.

Em entrevista, Guimarães (2015), quando perguntado sobre a existência do judô na região antes de sua chegada, lembrou que, certa feita, teve um aluno, afirmando não recordar o nome, que o pai dele havia mencionado de ter praticado judô, com o sensei Joel Guarilha, na SAT³⁸.

Portanto, para efeito de estudos, dispomos a história em duas fases. A primeira com a ida de Joel Luiz Guarilha para Tramandaí, a iniciação do judô, a tentativa de seu desenvolvimento; bem como, o seu retorno para o litoral. A segunda parte trata do início da carreira de Paulo Roberto da Silva Guimarães, da sua chegada em Tramandaí e o desenvolvimento do judô.

Verifica-se que outros professores atuaram ou atuam ministrando aulas na região. Contudo, não entram no rol dos introdutores, pois em sua maioria são ou foram alunos de Paulo Guimarães, no caso, os judocas Jean Duarte Vargas, Felipe Parisoto e Gabriel Marques Nunes. Ou chegaram à região após o início da segunda fase, como Adilson Varqueiro, Ana Kich e Júlio Perciúncula. Contudo, de forma ou outra, auxiliaram no desenvolvimento do judô na região.

³⁸ Sociedade Amigos de Tramandaí. Fica na Avenida da Igreja, 624, Centro.

Jean Duarte Vargas começou na faixa branca, no ano de 2001, na Judomar, com o professor Paulo Guimarães³⁹. Realizou o ciclo completo na escola ao conquistar a faixa preta pela FGJ, em 20 de dezembro de 2010, aos 16 anos de idade. Por algum tempo, foi auxiliar técnico do sensei Guimarães na Judomar.

Conforme o professor Guimarães (2015), Gabriel Marques Nunes chegou à escola Judomar nos primeiros anos da fundação da Judomar, com a faixa marrom, e deixou a instituição com a mesma graduação, vindo a se tornar faixa preta por outra associação, a Ulbra. Nunes teria ministrado aulas, no ano de 2013, na cidade de Imbé, onde seria o responsável técnico da Ippon Sports Artes Marciais, localizada na esquina da Avenida Caxias do Sul esquina com a Rua Lagoa Vermelha, bairro Centro, de acordo com matéria jornalística do periódico Litoral Mania “Imbeenses conquistam bons resultados na Copa Bento Gonçalves de judô”. Teria, ainda, segundo documento da FGJ intitulado Lista de faixas pretas da Federação Gaúcha de Judô (2011), em 17 de dezembro de 2008, alcançado o 2º grau na faixa preta pela entidade Imbé Judô Clube.

O professor Felipe Parisoto começou no Judô aos 14 anos com o professor Paulo Guimarães. Chegou a treinar kung-fu e kendô, mas acabou permanecendo no judô⁴⁰. Segundo Guimarães (2015), em 2013, Parisoto, depois de retornar com a faixa marrom de Portugal e com o título de mestre em História da Idade Média da Universidade de Coimbra, passou a auxiliá-lo. Felipe assumiu definitivamente o comando das aulas na Judomar em abril de 2014, de acordo com a entrevista, em 2014, ao sítio eletrônico Portal do Judô, “Felipe Parisoto fala sobre a experiência de comandar a JudoMar”.

Dos que não foram alunos de Guimarães, salienta-se a presença de Adilson Varqueiro Oliveira. Conforme Oliveira⁴¹, ele foi iniciado no caminho suave em 1978, na academia Kodokan, em Santana do Livramento. Depois de um período afastado do judô, o policial militar, morando em Osório, em 2006 retornou ao judô pela Liga Riograndense de Judô (LRSJ). Em 2013, desligou-se da LRSJ e filiou-se à FGJ. Atualmente, ministra aulas em Osório, na Vila Olímpica, na equipe Judô Bons Ventos.

³⁹ Informações via e-mail.

⁴⁰ Informações via e-mail.

⁴¹ Informações via e-mail.

De acordo com Ana Maria Kich, faixa-preta, 2^o dan, pela LRSJ e 1^o dan pela FGJ, a sua passagem pela cidade de Torres como professora de judô não prosperou. O projeto não teve êxito no seu intento. Ele surgiu natimorto⁴².

Em relação a Júlio César Bueno Perciúncula, seria professor no curso de educação física na FACOS, em Osório. Não há notícias atuais de ministrar aulas de judô na região, nem se sabe se chegou a ter escola ou dar aulas na localidade.

Ainda, há figura do Osvaldo Monteiro. Este, após aposentar-se da policia civil, como comissário e deixar o ministério do judô, passou a viver na cidade de Torres. Perante isso, mesmo morando no litoral norte, não está engajado em aulas de judô, somente participando do Conselho de Kodansha.

Tabela 2 - Professores que atuam(aram) no Litoral Norte RS.

Professor	Ano de nascimento	Graduação FGJ	Cidade natal	Cidade de atuação*
Joel Luiz Guarilha	1941	2 ^o dan	Rio de Janeiro	Tramandaí
Paulo Roberto da Silva Guimarães	1965	2 ^o dan	Porto Alegre	Tramandaí e Imbé
Júlio César Bueno Perciúncula	1965	4 ^o dan	Porto Alegre	Osório***
Adilson Varqueiro Oliveira	1968	1 ^o kyu	Santana do Livramento	Osório
Gabriel Marques Nunes	1984	3 ^o dan	Porto Alegre	Imbé***
Ana Maria Kich	1987	1 ^o dan 2 ^o dan**	São Leopoldo	Torres
Felipe Parisoto	1988	1 ^o kyu	Encantado	Tramandaí e Osório
Jean Duarte Vargas	1994	1 ^o dan	Porto Alegre	Tramandaí

* Cidades do litoral norte onde atua ou atuou.

** Graduação pela LRSJ.

*** Último local que se tem conhecimento.

⁴² Informações via e-mail.

5.1. O PERCURSO DO SENSEI JOEL GUARILHA

Este subcapítulo está alicerçado nas lembranças de Joel Luiz Guarilha, onde em entrevista, traz narrativas do seu início nas artes marciais, à sua chegada ao Rio Grande do Sul, mais especificadamente a Porto Alegre, e o início no judô. Através de sua fala, Guarilha conta sobre a sua estada na cidade de Tramandaí e a criação do primeiro dojô litorâneo. Ainda, o ex-presidente da Federação Gaúcha de Judô Carlos Matias Pauli de Azevedo e o ex-presidente do Conselho de Kodansha do Rio Grande do Sul Cid Corrêa Rodrigues Júnior, ao serem entrevistados, auxiliam corroborando com a reconstrução de trechos e fatos ocorridos na região.

Desta forma, estas articulações contribuem para desvelar fenômenos históricos que se encontram em meios obscuros e para clarear caminhos nebulosos da história do judô no litoral norte. O início nas artes marciais para este carioca, nascido em 24 de outubro de 1941, na cidade de Teresópolis, no Rio de Janeiro, filho de Dyrosio Guarilha e Jovelina Francisca Guarilha, foi através do jiu-jítsu dos Gracie, com o mestre Geny Rebello, no ano de 1961, em sua cidade natal. Sendo que Guarilha praticou a arte suave até o ano de 1963, ano em que se muda para o Rio Grande do Sul.

Conforme Joel Guarilha, em busca de novos ares, o lutador fixa residência em Porto Alegre, com o intuito de trabalhar com o seu irmão Jayr José Guarilha na área do comércio. Logo após a chegada em solo gaúcho, ele procura uma academia para continuar os treinos na modalidade. Com a dificuldade de encontrar um local de treinamento e sabendo que havia um espaço onde se praticava uma luta japonesa parecida com o jiu-jítsu, decidiu ir assistir a uma aula. Então, transitou pela Avenida Independência até encontrar o Instituto Porto Alegrense de Judô, local onde João Graf Vassaux⁴³ ministrava aulas. Em seu depoimento, o judoca diz ter se assustado com a gritaria que os lutadores faziam. Acostumado com jiu-jítsu, onde não era habitual o *kiai*⁴⁴ quando se atacava, achou estranhos aqueles berros. A

⁴³ Judoca terceiro dan, foi um dos pioneiros da modalidade no Estado. Além de professor de judô, dava aulas de caratê e tai-chi chuan.

⁴⁴ Expressão de energia nas artes marciais. Materializa-se por um grito possante durante um ataque e contém em essência toda determinação do combatente. É o grito utilizado para endurecer o corpo quando se solicita um esforço máximo.

primeira impressão lhe pareceu negativa, o que gerou a busca incessante para se inserir em outro lugar de treinos, como registrado em sua fala:

Fiquei meio assustado assim. Ai, não desanimei. Fui procurar outra academia onde localizei o Sport Club Ruy Barbosa, na Rua Riachuelo, 1038, esquina com Caldas Júnior. Assisti a umas aulas lá e iniciei o treinamento em novembro de 1963. Eu tinha vindo do Rio, eu era faixa verde de jujítsu e comecei com a mesma faixa. Na ocasião, era o professor Loanzi. Aluísio Bandeira de Mello. Iniciei o treinamento lá na academia Sport Club Ruy Barbosa. E fui em novembro de 63, (GUARILHA, 2016, p. 1).

Em abril de 1965, Guarilha participa do seu primeiro campeonato estadual, promovido pela Federação Rio-Grandense de Pugilismo (FRGP). O evento foi realizado no ginásio da Brigada Militar. Carioca, como costumeiramente chamado, não foi inscrito para representar a academia Ruy Barbosa e sim por uma equipe de São Leopoldo, Academia Leopoldinense de Judô, que era uma espécie de filial da Ruy Barbosa.

No evento, por engano, Guarilha foi colocado em duas categorias de peso diferentes: no levíssimo até 61 quilos e no leve, até 65 quilos. Em virtude do erro, realizou mais de 14 lutas, das 19 horas até as 2 horas da manhã do outro dia. Esta narrativa evidencia a dificuldade de organização da época.

Joel Guarilha exalta a sua condição física na competição. Narra que ficou exausto pela quantidade de combates realizados e sobre as queimaduras solares adquiridas no dia anterior ao torneio, quando esteve em uma praia do Rio Guaíba, que lhe atrapalharam em sua performance. Ainda, recorda o que mais lhe causou estranhamento, pois a todo instante era chamado para lutar. Onde, mal deixava a área de luta e já tinha seu retorno anunciado. O judoca foi convocado para fazer a final contra seu colega de treino, o faixa marrom, Napoleão Tavares da Silva. Para o combate final, sem estar muito ambientado com as técnicas do judô, o fluminense se valeu do aprendizado dos tempos da Guanabara. O lutador lembra que procurava a luta mais na parte de solo, local onde se sentia confortável para encontrar a vitória. Porém, na final foi diferente. Não soube explicar o que ocorreu naquela ocasião, apenas que foi tomado de uma força e de uma vontade descomunal, onde no início

da luta, quando ouviu uma frase de seu adversário, mudou o seu espírito, como consta no trecho da entrevista:

O Napoleão disse assim: “olha, se nós cairmos na decisão lá, tu... deixa-me ganhar”. O Napoleão era marrom, disse brincando. Está, vamos ver. Chegou na hora, chamou Joel Guarilha, Academia Leopoldinense de Judô, e Napoleão Tavares da Silva, Sport Club Ruy Barbosa. Aí, quando fui dar início da luta o Napoleão falou: “aí, Carioca”. Meu apelido era Carioca. “Aí, Carioca, vamos lá”. Aquilo não sei se me subiu o sangue na hora (GUARILHA, 2016. P. 2.).

Recorda que sabia sobre a técnica de preferência de seu adversário, o morote-seoi-nage⁴⁵, e dos cacoetes na preparação para jogá-la. Em seu relato, Guarilha diz ter usado o mesmo golpe para vencê-lo. Quando o Napoleão deu a sacudida na lapela do casaco para entrar, Guarilha antecipou-se, correu antes e arremessou ao solo, aplicando o golpe perfeito: resultando em campeão. O título lhe rendeu a condição de integrar a seleção gaúcha que iria participar do 12º Campeonato Brasileiro de Judô na cidade do Rio de Janeiro.

Mesmo campeão na categoria levíssimo, o judoca ainda foi chamado para competir em outro peso, o leve. Recorda que muito cansado foi disputar a final contra o Emílio dos Santos, do Instituto Porto Alegrense de Judô. Desta vez, vindo a perder, ficando com a prata.

⁴⁵ Projeção de ombros, a qual uma das mãos segura a lapela do casaco, enquanto a outra segura a manga do adversário.

Foi convocado para representar o Rio Grande do Sul, em junho do mesmo ano, no Rio de Janeiro, Guarilha onde à época cursava técnico em contabilidade na Associação Cristã de Moços (ACM). Para poder ir para a competição, a Federação Rio-Grandense de Pugilismo oficiou à direção da ACM para a sua liberação nas datas para poder lutar.

Figura 2 - Equipe gaúcha no Campeonato Brasileiro. Em pé da esquerda para direita: Moacyr, Praia, Matias, Delamar e Nilton. Agachados: Cabeda, Guarilha, Emílio e Escandiel.



Fonte: acervo pessoal de Joel Luiz Guarilha

Segundo Joel, realizaram longa viagem de ônibus até a capital do antigo Estado da Guanabara. A delegação gaúcha era composta por, além dele, Emílio dos Santos, Nilton Cardoso Souza, Delamar Teixeira da Silva, Rafael Cabeda, Carlos Matias Pauli de Azevedo, Luiz Escandiel, Carlos Alberto Praia e o técnico Moacyr Lauro Dornelles. A trupe ficou hospedada no estádio Maracanã juntamente com as equipes dos outros estados.

No sorteio dos enfrentamentos iniciais, o escrete gaúcho ficou pareado com a equipe mineira. No shiai-jo montado no ginásio do Montanha Clube, Guarilha relata que, à época, faixa roxa, em sua primeira luta lutou contra um faixa preta, onde o combate seguiu até o final equilibrado. No entanto, faltando menos de 40 segundos,

o atleta gaúcho foi arremessado por morote-seoi-nage e caiu ao solo de costa, perdendo por ippon. Com a derrota, só restou assistir o desfecho da competição. Seguindo os passos de Guarilha, os outros gaúchos foram sendo derrotados, com exceção para Rafael Cabeda e Praia. Com os resultados, a equipe foi eliminada na primeira rodada.

Como em outubro de 1965, iria ser realizado o campeonato mundial de judô no Rio de Janeiro, muitos competidores que estiveram ali, estavam se preparando para o evento internacional. Como no caso: Roberto David, Lhofei Shiozawa, Haruo Nishimura, George Kastridget Mehdi, Goro Saito e Manabu Kurachi. Em sua tese de doutorado, Nunes (2011), apresenta a equipe que representou o Brasil no Campeonato Mundial: Manabu Kurachi e Akira Ono, no peso leve; Shiozawa e David, no médio; Mehdi e Milton Lovato, na categoria pesado, e, no peso absoluto, Saito e Nishimura. Sendo todos representantes do estado de São Paulo, exceto o francês Mehdi que competia pelo Rio de Janeiro (NUNES, 2011).

No ano de 1966, mesmo ano que é alçado à faixa marrom pelo Professor Loanzi, decidiu entrar para a vida pública. Onde realizou provas para admissão na polícia civil gaúcha. Aprovado, iniciou, em 5 de janeiro do mesmo ano, o curso de formação na Escola de Polícia e, ao seu final, como não havia vagas para Porto Alegre, acabou escolhendo Tramandaí, após a sua investidura como escrivão de polícia, para sua primeira lotação sem ao menos conhecer a cidade.

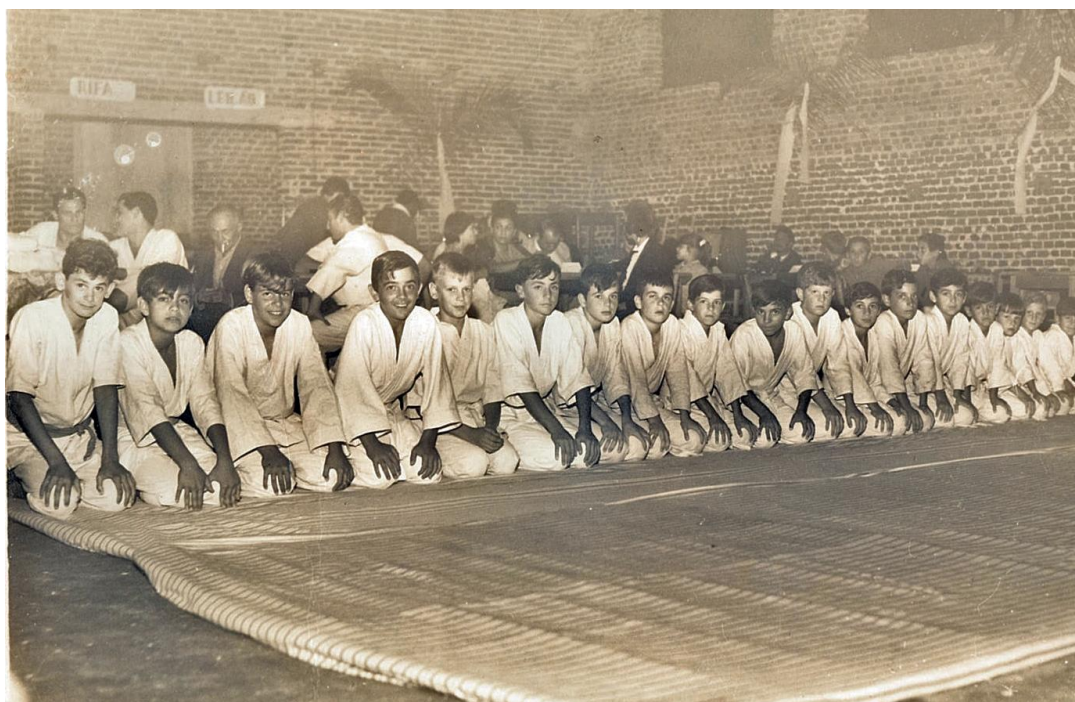
Chegando ao litoral, no verão de 1967, buscou saber sobre a existência de prática de lutas. Frustrou-se ao tomar ciência que estas não existiam esses locais. Todavia, não desistiu de seguir treinando, pois, mesmo que esporadicamente, participava de competições. Desta forma, Guarilha não queria ficar afastados dos treinos e procurou um espaço onde pudesse criar um dojô. Então, encontrou um salão no centro, quase em frente à Galeria Central, na Avenida Fernandes Bastos, 348, e acabou locando-o. Sendo assim, o primeiro dojô litorâneo foi fundado.

Na montagem do dojô, para servir como piso, no lugar do tatame, mandou fazer duas esteiras de capim junco, uma no tamanho de oito metros de comprimento por dois e meio de largura e outra em oito metros por um metro e meio, totalizando uma área de 32 metros quadrados. A ideia era que tivesse um piso móvel que pudesse facilmente transportar para apresentações com o intuito da divulgação do esporte e captação de alunos. Como confirma em sua narrativa:

Fazia assim a apresentação, a demonstração para o pessoal, para o povo da cidade ver. Nesse mesmo ano, eu fiz uma apresentação no salão paroquial onde convidei o professor Loanzi, que era naquela época dono da academia em Porto Alegre onde eu havia treinado, (GUARILHA, 2016, p. 6).

Importante no relato é a passagem onde recorda a dificuldades para treinar para competições. Guarilha se restringia a dar aulas aos seus alunos que eram crianças, mas não tinha companheiros no seu nível para aperfeiçoar as suas técnicas e as táticas. Diante disso, aos poucos ia se distanciando da vida competitiva. No ano de 1968, morando em Tramandaí, participou do campeonato estadual em outra categoria de peso da que havia se sagrado campeão no ano de 1965. Em um peso maior, neste ano, acabou como vice-campeão. Perdeu a final para o amigo e a quem considerava o melhor judoca dos pampas, Nilton Cardoso Souza.

Figura 3 - Apresentação, sobre as esteiras de junco, da primeira turma para a comunidade tramandaiense.

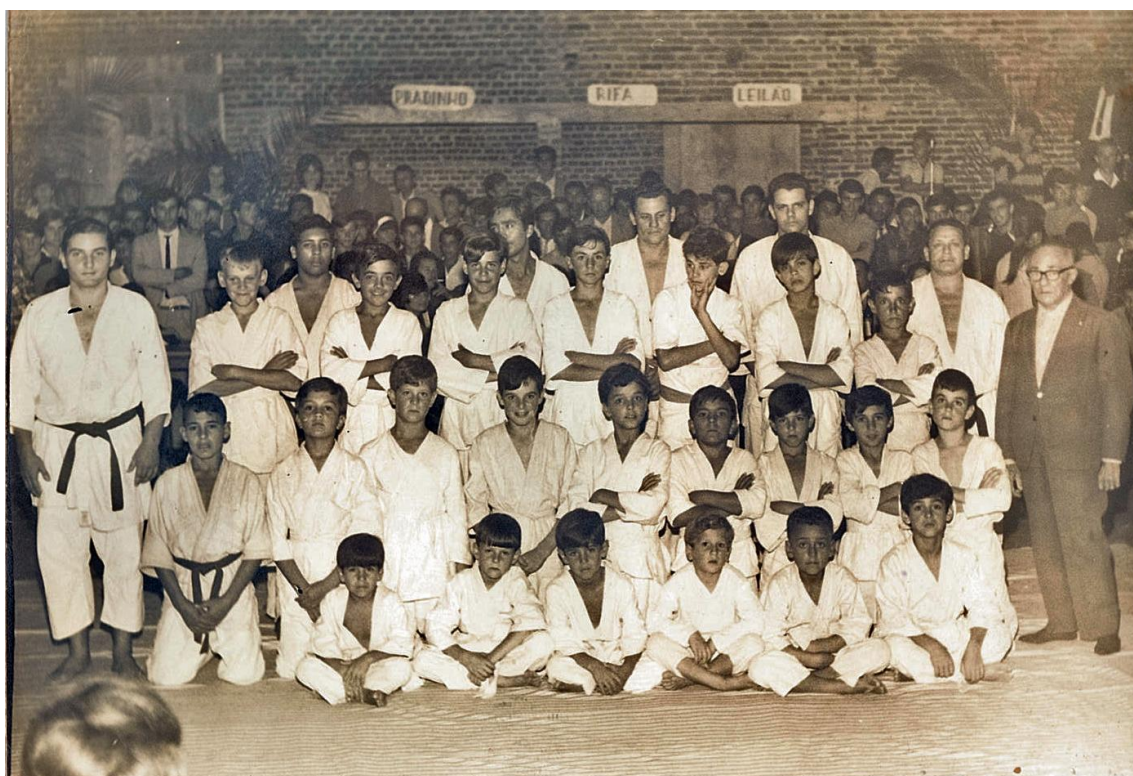


Fonte: acervo pessoal de Joel Luiz Guarilha

Depois do primeiro dojô no prédio da Avenida Fernandes Bastos, Guarilha transfere a sua área de lutas para uma sala do edifício Costa Brava, localizado na Avenida Emancipação, 405, Centro. Neste local, permaneceu até encerrar as atividades com o judô em Tramandaí. Dedicou-se ao judô praiano de 1967 a 1970. Neste meio tempo, teve como um dos seus alunos Anderson Hoffmeister, que posteriormente fora prefeito da cidade. Em 18 de janeiro de 1969, Joel Luiz Guarilha é graduado faixa preta *shodan*⁴⁶.

Em 1970, prestou vestibular para entrar na faculdade de educação física na cidade de Passo Fundo. Com a aprovação, começou a estudar no norte do Estado. Chegando a Passo Fundo, reativou uma academia de judô que estava fechada. Recorda que para não pagar aluguel ou diárias em hotel dormia em um colchão sobre os tatames. Ficou na cidade do mês de março até início de abril de 1971.

Figura 4 – Alunos da primeira turma de judô do litoral norte no salão paroquial de Tramandaí. Em pé à esquerda, Guarilha. Ao fundo, Antônio, Letona, Delamar, Matias, Escandiel e Loanzi.



Fonte: acervo pessoal de Joel Luiz Guarilha

⁴⁶ Faixa preta primeiro grau.

Ainda em 1971, conseguiu transferência para a Escola Superior de Educação Física (ESEF) das Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul (FISC), na cidade de Santa Cruz do Sul. Passa a estudar na região, mas continua morando em Tramandaí. Percorria semanalmente centenas de quilômetros. Segundo Boehl (2008), depois de algum tempo, na região do Vale do Rio Pardo, foi procurado pelo professor Alécio Alves de Moraes que era diretor do Colégio Oliveira Castilhos, em Venâncio Aires, e precisava de um professor de judô para as aulas na escola. Depois de um breve contato, fecharam contrato entre as partes. Em 21 de setembro, iniciou as aulas sobre alguns tatames nas dependências do Oliveira. De acordo com Boehl (2008), como era novidade e na época as opções de esportes era poucas, foi grande a procura de alunos que queriam treinar. Guarilha relembra que área era pequena e os pretendentes a vaga de aluno eram muitos, o jeito para que contemplasse a todos foi escalonar em grupos. Enquanto uns treinavam, outros ficavam do lado de fora olhando.

Pousava em Santa Cruz do Sul, onde cursava a faculdade e ia duas vezes por semana para as aulas no Oliveira. Isto durou até o ano de 1973, ano em que se formou em educação física. Ao se graduar professor, Carioca foi convidado para ministrar aulas na Faculdade de Educação Física na disciplina de judô. No ano seguinte, iniciou a docência. Permaneceu no magistério até o ano de 1991. Na FISC, não ensinava apenas na cadeira de judô, mas também era regente na de educação física para os demais cursos da entidade, além das aulas nos cursos de férias.

Guarilha narra que, em junho de 1971, pediu exoneração da Polícia Civil para assumir, no dia 25 de junho do mesmo ano, como professor de educação física da rede estadual de ensino, no Ginásio Estadual de Vera Cruz⁴⁷. Residindo em Tramandaí, no ano de 1974, por causa do longo percurso semanal que precisava realizar, resolveu transferir definitivamente seu domicílio para a cidade de Santa Cruz do Sul. No dia 18 de agosto de 1975, sob a inscrição nº 1134, da Confederação Brasileira de Judô, é elevado ao segundo grau da faixa preta.

⁴⁷ Funcionava no prédio da Comunidade Católica. No ano de 1977, fecha, passando o seu mobiliário e alunos para a Escola Estadual de 2º Grau Vera Cruz.

Após sua saída de Tramandaí para Santa Cruz do Sul, o judô tem suas portas fechadas na região praiana. Porém, na década de 80, conforme o judoca Cid Corrêa Rodrigues Júnior (2016), havia competições de judô na cidade de Tramandaí. O próprio informante recorda que participou pelo menos em três eventos. Tal fato evidencia que mesmo não havendo a prática sistematizada em academia ou clubes no litoral norte gaúcho, a região costeira mantinha de certa forma a centelha do judô. Era comum, no mês de janeiro, atleta de todos os cantos do Rio Grande do Sul lutar o campeonato praiano. O evento era organizado pela Federação Gaúcha de Judô e realizado no ginásio municipal Sessinzão (AZEVEDO, 2016; RODRIGUES JÚNIOR, 2016).

Joel Guarilha, em 1991, se aposentou do magistério estadual. Então, juntamente com sua esposa Shirley da Cunha Guarilha, que era professora de inglês, decidiu ir embora viver em Porto Alegre.

Em 1994, cansou do marasmo da vida de aposentado e resolveu retomar a carreira na segurança pública, preterida há anos atrás à docência escolar. O professor novamente realizou concurso público para escrivão de polícia, onde foi aprovado. Diferentemente, do seu primeiro curso, desta vez não foi para o interior e tem a ocupação na Capital. Guarilha, após a investidura como policial, foi designado para trabalhar no Grupo de Operações Especiais (GOE). Alguns anos depois foi remanejado para a Delegacia do Consumidor (DECOM). Em 1998, foi transferido a pedido para Delegacia de Tramandaí. Depois de anos trabalhando no cartório, no ano de 2008, mais uma vez é aposentado. Com tempo livre, mas se julgando com idade avançada, não pensou em retomar o seu antigo projeto de ministrar aulas de judô. Pois, desde que havia deixado Santa Cruz do Sul, já havia decidido encerrar as suas atividades com o judô.

5.2. O PERCURSO DO SENSEI PAULO GUIMARÃES

Neste subcapítulo, passamos as narrativas de vida de Paulo Roberto da Silva Guimarães e o desenvolvimento do judô na região. Através de entrevistas com Paulo Guimarães e Carlos Matias Pauli de Azevedo pudemos desafloar algumas histórias do judô praiano.

Esse momento se inicia com o protagonismo de Paulo Roberto da Silva Guimarães ou simplesmente Paulo Guimarães, como gosta de ser reconhecido. Este porto-alegrense nasceu em dia 20 de setembro no ano de 1965, sendo filho de Domingos Fraga Guimarães e Zilda Conceição da Silva Guimarães.

Conforme Guimarães, o início da sua jornada no judô pode ser concebido como coisa de mero acaso do destino. Seus primeiros passos, ou melhor, suas primeiras quedas foram, no ano de 1973, no SESC Campestre⁴⁸, em um projeto social.

Morador de uma comunidade pobre da zona leste da Capital, bairro Bom Jesus, filho de pai e mãe analfabetos, aos oito anos de idade, não vislumbrava boa perspectiva em relação a seu futuro. Costumava perambular pelas ruas do bairro e cercanias, juntamente com os amigos, sem muito objetivos, apenas para gastar o tempo das tardes livres. De acordo com Guimarães, muitas vezes sem rumo nessas andanças. A sua chegada ao SESC⁴⁹ foi através de um vizinho que lhe convidou para ir até o local experimentar aulas de luta que eram oferecidas de forma gratuitas. Como a maioria dos seus amigos já praticava, resolveu encarar para ver do que se tratava. Paulo Guimarães recorda que, além do judô, o projeto no SESC tinha várias modalidades, como atletismo, futebol e handebol.

Guimarães diz que foi, por encanto, após ser apresentado à luta e ao professor João Souza, que se apaixonou pela modalidade. De início, conseguiu um judo-gi⁵⁰, confeccionado com material utilizado de saco de farinha, e passou a aprender a arte marcial. Com o tempo, seus colegas de treino foram se afastando. Contudo, tomado de tenacidade e resiliência, insistiu em permanecer no caminho suave.

Para Guimarães, fato marcante em sua trajetória foi quando, com algum tempo de treinamento, em certo dia, a sua mãe foi fazer uma observação da tal aula de luta que vinha realizando de forma tão empolgada. Dona Zilda ficou impressionada com a gritaria e sentenciou o que vira como algo muito violento. Mesmo com a impressão negativa da mãe, Paulo recorda que não desanimou como podemos constatar, através de trecho transcrito de sua entrevista:

⁴⁸ Sede situada na Avenida Protásio Alves, 6220, Petrópolis, Porto Alegre/RS.

⁴⁹ Serviço Social do Comércio.

⁵⁰ Roupa para a prática do judô.

Hoje, se já tem gente que tem preconceito, você imagina naquele tempo. Mas para mim foi muito gratificante. Eu caminhei com as minhas pernas mesmo e tive um apoio muito grande do professor João Souza, que foi o meu mestre. Ensinou-me a cumprimentar o dojô. A amarrar a faixa. Ensinou-me o pouco do que eu sei devo muito a ele. Apoiou-me sempre no judô (Guimarães, 2015, p. 2).

Como não teve apoio em casa, viu em seu mestre um porto-seguro. No início, João Souza foi o maior incentivador do jovem. A prova está em certa vez, durante um treino, Paulo, ao aplicar um ippon, ouviu do professor que ele seria um bom judoca, que não deveria se arrepender do caminho escolhido. Que deveria perseverar no caminho da suavidade.

Guimarães narra que, além das aulas na Avenida Protásio Alves, Souza ministrava judô no Grêmio Náutico União⁵¹, no SESC 4º Distrito⁵² e na escola Santa Rosa de Lima⁵³. Diferentemente de quando vivia teatino, Guimarães tinha iniciado sua vida na filosófica de Kano. Inspirava judô. Queria ter ao máximo contato. Portanto, o discípulo sempre que podia acompanha seu mestre nestes locais. As dificuldades para treinar judô naquela época eram imensas, conforme Guimarães (2015, p. 2): “A gente não tinha o quimono. O tatame⁵⁴ era de palha de arroz. Essa garotada não conhece mais. Hoje, é de material sintético. Ele era de palha de arroz e uma lona verde ou vermelha que o cobria”.

Depois de um bom tempo, em 1980, foi convidado para treinar nos Gondoleiros⁵⁵. Naquele período, o judô era realizado na sede velha da Avenida Presidente Roosevelt. Na direção do judô, estava o seu Pereira, pai do Kiko⁵⁶, e o comando das aulas era por conta do professor Matias⁵⁷. Mais tarde, Paulo deixou os Gondoleiros e se transferiu para Sogipa, com o professor Chico⁵⁸.

⁵¹ Clube porto-alegrense com sede principal no bairro Moinhos de Vento, Rua Quintino Bocaiúva, 500.

⁵² Av. Brasil, 483, bairro Navegantes, Porto Alegre.

⁵³ Escola localizada no bairro Rubem Berta, zona norte de Porto Alegre.

⁵⁴ Piso utilizado para a luta de judô.

⁵⁵ Clube que atualmente tem a sua sede à Rua Santos Dumont, 1147, bairro Floresta, em Porto Alegre/RS.

⁵⁶ Antônio Carlos de Oliveira Pereira, técnico de judô da Sogipa.

⁵⁷ Carlos Matias Pauli de Azevedo. Foi professor de judô nos Gondoleiros e ex-presidente da Federação Gaúcho de Judô, entre 1983 e 2007.

⁵⁸ Francisco Xavier de Vargas Neto. Professor universitário.

Como competidor, mesmo sem ter apoio, costumava ir a quase todas as competições que dispusesse de condições financeiras. Nesses eventos, enfrentava adversários duríssimos, como o canoense Ricardo Accinelli⁵⁹ e o judoca do Grêmio Náutico Gaúcho⁶⁰, Luciano Martins⁶¹, conhecido como Bruce.

Guimarães conta que passava dificuldades financeiras e que precisando de trabalho, em 1986, fez concurso para a polícia militar do Rio Grande do Sul, onde foi aprovado. De 1987 a 1989, serviu como soldado no Batalhão de Choque da Brigada Militar. Observou que não era aquilo que queria para o seu futuro. Então, Guimarães pediu exoneração de seu cargo, em 1989, para trabalhar na extração de ouro em um garimpo do Rio Madeira no estado de Rondônia, onde permaneceu na selva amazônica por seis meses.

Guimarães conta o seu retorno a Porto Alegre. Já de volta, decidiu retomar os treinos de judô na Sogipa. Por um ano, teve o privilégio de treinar com o professor japonês Naoshige Ushijima. Com o contato, pode observar uma evolução, tanto em nível de competitividade, quanto de sabedoria. Neste local, Guimarães passou anos frequentando o seu dojô. Teve a oportunidade de ver crescer um dos maiores nomes do judô brasileiro, acompanhou quase todo o processo de desenvolvimento de João Derly. Com a saída do Chico Vargas do comando do judô, assumiu Antônio Carlos Pereira, como o técnico responsável.

Em 1997, ainda como atleta da Sogipa, Paulo Guimarães conquistou o seu prêmio mais sonhado dentro do judô, a faixa preta. Foram anos de espera por questões financeiras. No mesmo ano, Paulo, como corretor de imóveis, decide morar em Santa Catarina. Residindo em Florianópolis, passou a treinar no Instituto Estadual de Educação (IEE). No mesmo ano, surgiu convite para ministrar aulas de judô na cidade de Tubarão, cerca de 138 quilômetros distante da capital catarinense. Não se adaptou por causa da distância e com a mãe doente, que morava em Porto Alegre, resolveu retornar a viver em sua cidade natal.

⁵⁹ Atualmente é político na cidade de Canoas/RS. Faixa-preta 3º dan.

⁶⁰ Grêmio Náutico Gaúcho tem como as cores o verde, o amarelo e o vermelho. Fundado em 1929. Sua sede principal fica na Avenida Praia de Belas, 1948, Menino Deus, Porto Alegre/RS.

⁶¹ Luciano Oscar Martins, faixa-preta 2º dan, fundador da Associação de Judô Esportivo de Porto Alegre/RS.

No ano seguinte, como havia ido trabalhar no verão, por uma empresa comercial de vendas de filtros purificadores de água, com a proximidade com Porto Alegre, buscou qualidade de vida, aos 32 anos de vida, cansou da vida em metrópole, acabou permanecendo na baixa temporada no litoral norte.

Com o tempo, descobriu que havia um projeto social, o Centro Solidário, do ex-prefeito, Osmani Barbosa⁶², que acontecia no ginásio municipal. Instantaneamente, pensou em colocar judô. Contatou a administração municipal pública, onde conseguiu logo que sua ideia fosse comprada. Desta forma, o judô passou a ser estudado nas dependências físicas do ginásio Gigantinho.

Figura 5 – Paulo Guimarães arbitrando, em competição interna, no Ginásio Municipal de Tramandaí.



Fonte: acervo pessoal de Paulo Guimarães

⁶² Nascido em 1949, foi vereador, vice-prefeito e prefeito (1997-200) de Tramandaí. Faleceu em 2013.

Quando a Sogipa colocou em seu dojô os novos tatames importados da Europa, o antigo piso foi colocado à venda. Guimarães, então, comprou 60 placas de tatame de lona forrados de palha, medindo 2 x 1 metros, e levou-os para o litoral (GUIMARÃES, 2015). Aqui, o número de placas de tatame difere da informação veiculada pelo próprio informante, no extinto site Portal do Judô, quando afirma que o judô em Tramandaí começou com vinte tatames de palha velhos e surrados, colocado em cima do palco do ginásio municipal (GUIMARÃES, 2012).

Figura 6 – Primeira matéria sobre o Judomar na região.

10
A VERDADE
do Litoral
Região Litorânea
Dia 1º
JUNHO
2000

GERAL

A VERDADE DO LITORAL

FONES
661.3945
226.0807
anuncie!

Cursos de Judô ensinam defesa pessoal aos alunos jovens e pregam o “não” à violência

Numa época em que os jornais estampam diariamente a violência que impera nos grandes centros do País, é salutar saber-se que em Tramandaí existe a preocupação e o interesse de pessoas que buscam o esporte como esporte. Uma visita em qualquer noite da semana no Ginásio Municipal demonstrará que a juventude do município está interessada na prática sadia do esporte. O ginásio é uma festa.

JUDÔ
Crianças e adolescentes se postam no palco ao fundo do ginásio, enquanto adultos praticam outro tipo de esporte no piso do ginásio. Os gritos de guerra e o barulho de corpos caindo no tatame são a senha de que a prática do judô está sendo levada a sério por seus adeptos. Ao lado, ciente da tarefa de compenetrar seus pupilos, está o responsável: Paulo Roberto da Silva Guimarães, atleta da Sogipa na categoria meio médio e interessado em passar para os jovens o interesse pela prática milenar do Judô. Naquela noite, era a última aula de judô no Ginásio, “pois sendo um esporte oriental, com muita concentração, requer um ambiente mais propício, com mais silêncio, em que os alunos possam se concentrar nos exercícios”, disse o professor Paulo Roberto. A partir de agora os exercícios e as aulas de judô estão sendo ministrados em uma academia, na Avenida Emancipação, 1421, próximo à Ulbra, onde o aproveitamento será bem melhor. Paulo dá aulas de judô também no Centro Solidário, onde atende somente alunos carentes, pois recebe ajuda de custo da prefeitura.

COMEÇO
Paulo Roberto lembra que o seu começo também, foi de garoto pobre, em que o quimono era feito de sacos de farinha, em que o “patorcinador” era a marca da farinha estampada no peito, brinca o professor. O seu começo de amor pelo esporte e especialmente pelo judô começou no Bairro Bom Jesus, em Porto Alegre, diante da sede campestre do Sesc, onde deu os seus primeiros passos. No ano passado, defendendo a Sogipa, foi segundo lugar no cidadão de Porto Alegre, terceiro lugar no estadual e campeão da Copa ESEF. Seu grande sonho, agora, é levar os garotos de Tramandaí para disputar campeonatos em Porto Alegre, representando a Academia Judô Mar, “pois os garotos estão aptos física e tecnicamente a participar deses campeonatos na capital”. Os telefones da Academia são 9963 33 72 e 627 29 27.

Fonte: acervo pessoal de Paulo Guimarães

Com as terças-feiras, quintas-feiras e sábados destinados ao judô, Paulo antes dos treinos tinha a tarefa de montar a área de treino em cima do palco de madeira. Ao final, desfazia e empilhava as chapas em um canto. Em entrevista, narra como a comunidade que frequentava o local percebia tudo aquilo:

Dávamos aulas e depois guardávamos ali. Era uma mão de obra. Mas era gratificante. Era o palco de madeira, com aquela queda. Ali, ali, que foi. Os pais jogavam futebol e olhavam o judô. Ninguém conhecia o judô. Ninguém conhecia o judô. Alguns conheciam de televisão. Outros em outras oportunidades treinaram. Mas ali na cidade não tinha há mais de décadas (Guimarães, 2015, p. 7).

Diferentemente das outras modalidades, como a capoeira, o caratê, o vôlei e o futsal, que eram totalmente gratuitos para a comunidade, para o judô havia uma mensalidade a ser paga. Contudo, quem demonstrasse ser carente de recursos, não necessitaria desembolsar nada. Uma espécie de parceria entre o público e o privado.

Depois de quase dois anos da prática sendo realizado no local, o judô tramandaiense ganhou visibilidade. Na página 10, da edição do dia 1º de julho de 2000, do periódico a Verdade do Litoral, foi estampada o título da matéria “Cursos de Judô ensinam defesa pessoal aos alunos jovens e pregam o ‘não’ à violência”.

Segundo Carlos Matias Pauli de Azevedo (2016), como presidente à época da Federação Gaúcha de Judô, observou o incremento do judô na área através do trabalho desenvolvido por Guimarães. Para tanto, auxiliou nas questões burocráticas e entraves administrativos para que a equipe Judomar conseguisse se filiar à entidade, o que facilitou a promoção de eventos esportivos na Capital das Praias.

Professor Guimarães era um entusiasta da competição esportiva, volta e meia costumava organizar campeonatos internos entre os seus alunos e, em outros momentos, convidava professores da Capital e redondezas para participar de seus eventos.

Desde que fundou a então Academia Judomar e contando com o apoio da pasta dos esportes do executivo tramandaiense, em outubro de 2003, a equipe da Judomar, composta por 11 atletas, viajou a Porto Alegre para participar do Troféu Colégio Farroupilha. Neste mesmo ano, Paulo Guimarães sagrou-se campeão gaúcho máster pela primeira vez.

Em 8 de fevereiro de 2004, o litoral gaúcho recebeu a 1ª Copa Tramandaí, acontecimento organizado pela Federação Gaúcha de Judô, em parceria com a Judomar, com apoio do prefeito Rapaki. Este evento perdurou por dez edições ininterruptas até o ano de 2012. Contudo, precedendo a esse evento existiram outros torneios neste espaço. No ano anterior, em 7 de dezembro, fora realizado o 2ª Campeonato Aberto de Judô de Tramandaí. O destaque do acontecimento foi a inexistência da premiação aos competidores e o atraso do material promocional do evento. Fato sanado somente, em 9 de janeiro de 2004, quando foram entregues as

medalhas e os troféus pelo Departamento de Desporto da cidade para os vencedores.

Figura 7 – Equipe Judomar que participou do Troféu Colégio Farroupilha em Porto Alegre.



Fonte: acervo pessoal de Paulo Guimarães

Paulo remonta em sua fala a participação da Judomar, no ano de 2004, em competição fora da sua região. Com uma delegação maior, 17 componentes, do que a primeira saída, a equipe viajou mais de 130 quilômetros onde participou da 1ª Copa Porto Alegre.

Em 27 de junho de 2004, Guimarães organizou o 1º Troféu Festa Estadual do Peixe, justamente, no período que se realiza o maior evento da cidade e seu nome aludindo ao do festejo. A competição contou com o apoio da FGJ e da PMT e recebeu equipes de Porto Alegre, Grêmio Náutico Gaúcho e o Clube Bom Sucesso, e a Ulbra de Canoas. No ano seguinte, a segunda edição do campeonato ocorreu no ginásio esportivo de Nova Tramandaí, em 16 de julho, com um mês de atraso.

Quando Edgar Rapaki assumiu, em 2001, o paço municipal, Guimarães possuindo relativo pacto político com o antecessor, Osmani, acabou sofrendo as consequências desta relação. O apoio do poder executivo começa diminuir. Todavia, não cessou. Nesse tempo, às vezes, era fechado o espaço do ginásio municipal para reforma. Quando isso ocorria, as aulas necessitavam migrar para outros locais,

como para a academia Arte e Vida, para o clube Beira-Mar⁶³ ou para a SAT. Como decidiu não se aliar politicamente com o novo governo, passou a sofrer boicotes velados em relação ao seu projeto.

Mesmos que suas aspirações na área tivessem se concretizando, as relações políticas entre o projeto e o executivo estavam se desgastando. Cansado dos desmandos governamentais, em 2006, decidiu abandonar o Gigantinho e se mudou para a SAT, permanecendo alguns meses, ministrando suas aulas nas terças e quintas. Por problemas estruturais e administrativos no clube, decidiu sair e locar uma sala na Avenida Flores da Cunha, 2283, no Centro de Tramandaí, onde as aulas passaram a acontecer aos sábados às 16 horas.

Figura 8 – Centro de Cultura e Lazer Tenente Marino Dias de Oliveira, conhecido por Gigantinho ou Sessinzão.



Fonte: acervo pessoal de Paulo Guimarães

Com um local novo, livre das pressões políticas, o Centro Esportivo Judomar se reestruturou. Guimarães em novo ambiente encontrou, finalmente, tranquilidade para trabalhar.

⁶³ Grêmio Esportivo Beira-Mar: Avenida Fernandes Bastos, 1201, Centro de Tramandaí/RS.

Em 10 de fevereiro de 2007, a 4ª Copa Tramandaí, com apoio da Prefeitura Municipal de Tramandaí e da Federação Gaúcha de Judô, foi realizada no Centro de Cultura e Lazer Tenente Marino Dias de Oliveira, na Avenida da Igreja, Centro.

A mudança se tornou tão benéfica que em pouco tempo os resultados surgiram. Seus alunos se tornaram campeões estaduais e garimparam medalhas de todas as cores. No dia 25 de novembro de 2007, o time da Judomar, com uma delegação de 20 judocas, disputou o Campeonato Estadual, realizado no ginásio esportivo da Ulbra, na cidade de Canoas. Dois atletas retornaram para o litoral com ouro no peito.

Figura 9 – Dojô da Judomar na Avenida Flores da Cunha em Tramandaí.



Fonte: acervo pessoal de Paulo Guimarães

Diante a repercussão na cidade, a busca pelo judô passou a ser intensa. Muitos pais queriam matricular os seus filhos. Porém, até este momento havia uma idade mínima. Por causa da grande procura, iniciou, em 2007, a turma do pré-judo, que contemplou aos interessados dos 3 aos 6 anos de idade.

Em 2008, o ex-aluno de Guimarães, Gabriel Nunes, foi promovido ao segundo grau da faixa preta pela Federação Gaúcha de Judô. Nunes nesse período ministrava aulas, na Avenida Caxias, em Imbé.

Na cidade de Porto Alegre, no ano de 2009, ocorreu o 1º Campeonato Sulamericano de Veteranos, no ginásio esportivo do Grêmio Náutico Gaúcho, onde Guimarães alcançou a terceira posição em sua categoria.

O sucesso passou a ser latente. Com um público envolvido, viu sua escola crescer. Raramente, via uma aula com menos de 50 ou 60 alunos. A expansão foi considerável. Guimarães passou a expandir a sua escola e colocou o judô em outros locais e municípios. Porém, antes, em 2004, havia sido iniciado um processo de introdução e desenvolvimento do judô, em Imbé, no ginásio municipal Engenheiro Floreal Sala, através do seu aluno, então à época faixa marrom Gabriel Nunes. Tal intento foi infrutífero, nunca prosperou. Ainda, foram ministradas aulas por Guimarães nas dependências do Hotel Rost e da Associação dos Funcionários Públicos Municipais de Imbé (AFUMI).

No final do mês de outubro do ano de 2010, Guimarães participou do 2º Campeonato Sulamericano de Veteranos, na cidade de Bento Gonçalves, e conquistou a medalha de prata. Em 20 de dezembro de 2010, Paulo Guimarães formou como faixa preta o judoca Jean Duarte Vargas.




No ano seguinte, em 12 de fevereiro, a Federação Gaúcha de Judô outorgou o segundo *dan* à faixa de Paulo Guimarães. Em setembro de 2011, Porto Alegre, foi palco do 1º Campeonato Pan-Americano de Judô de Veteranos. A competição aconteceu no Ginásio da SOGIPA e o líder da Judomar, Paulo Roberto Guimarães, conquistou a medalha de bronze.

No dia 28 de novembro de 2012, o professor Paulo Guimarães lutou o Campeonato Estadual de Judô, na categoria meio-pesado, e conquistou o seu penta campeonato na classe veterano.

Em 2014, Guimarães deu guarida ao faixa marrom Adilson Varqueiro, sargento da Polícia Militar, que vinha ministrando aulas na cidade de Osório, só que agora com o escudo da Judomar. Contudo, neste mesmo ano, desolado com a vida e abalado com a morte de sua fiel escudeira Liziane Freitas, decidiu repassar a escola para um dos seus alunos, o faixa marrom Felipe Parisoto. No dia 22 de novembro, Guimarães conquistou pela sexta vez o campeonato gaúcho de veteranos.

Com dificuldades de ficar afastado daquilo que lhe deu muitas alegrias, resolveu, em 2015, fundar a escola Judô Litoral *Team*, no município de Imbé, que durou pouco tempo. Em 5 de dezembro, Paulo conquistou pela sétima vez o título de campeão gaúcho máster.

Tabela 3 - Logotipos de escolas de judô do litoral norte gaúcho.

Centro Esportivo Judomar	Imbé Judô Clube	Academia de Judô Bons Ventos
		

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Note aquelas coisas que não podem ser vistas, tomando consciência daquilo que não é obvio”. (Miyamoto Musashi)

A presente pesquisa acadêmica teve como objetivo reconstituir fragmentos da história do judô nas academias no litoral norte do Rio Grande do Sul, que iniciou na década de 1960, com um lapso temporal, tendo como uma retomada no final da década de 1990, perdurando até as primeiras décadas deste século. Portanto, possui um recorte temporal extenso, todavia importante para permitir entender como se construíram e se sucederam as duas fases, uma insipiente e malograda, enquanto a outra prolífica e duradoura, do incremento da arte de Jigoro Kano na região em pauta. Além disso, se traz a ideia que este trabalho possa vir a servir de subsídio para novas pesquisas, auxiliando no entrelaçamento e nos cotejos das diversas histórias do judô gaúcho.

Em se tratando de cunho científico, o tema percurso do judô nas academias do litoral norte gaúcho é pela primeira vez explorado neste âmbito. Para que este se concretizasse a contento, buscou-se nas memórias de senseis que protagonizaram ou não o desenvolvimento da modalidade na região e de conferências de documentos. Sendo que a partir do referencial teórico, da pesquisa documental e das entrevistas, foram estabelecidos cruzamentos de informações para análises entre as recordações, os documentos e a literatura existente. A escassez de fontes documentais no período do recorte temporal, bem como, a falta de literatura abrangendo a história do judô no Rio Grande do Sul não permitiu que contextualizássemos os subsídios de modo mais refinado.

As memórias resgatadas nos percursos dos senseis Joel Guarilha e Paulo Guimarães, em épocas afastadas, trazem suas experiências e vivências no desenvolvimento do judô praiano. Os resgates dos professores Carlos Matias e Cid Rodrigues Júnior nos permite saber que durante o “tempo sem judô” na localidade, existiu judô, através de competições esportivas anuais, sem podermos definir por ora o período e como aconteceram essas manifestações. São estas imbricações que inquietam e fazem que novas pesquisas se correlacionem e outras versões brotem.

Provavelmente, informações surgirão, através de fontes e novas pesquisas, a cerca desta fase. Pois há absoluta certeza que este período, anos 80, ainda deve ser objeto de novos estudos e devidamente explorado.

Foi possível observarmos, na linha do tempo, o início do judô na região, em 1967, através do carioca Joel Guarilha, na cidade de Tramandaí, onde abriu dois dojôs. O primeiro na Avenida Fernandes Bastos e o outro local, em 1968, no edifício Costa Brava, situado na Avenida Emancipação. Depois, no ano de 1970, as atividades da modalidade se encerraram na cidade, concomitantemente, com o início por Guarilha nos estudos em educação física, primeiramente em Passo Fundo e depois em Santa Cruz do Sul. Desta forma, Joel Luiz Guarilha, após deixar o litoral norte, em 1971, focou suas atenções no judô em outros espaços, nas cidades de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires.

Na década de 1980, não houve escolas ou academias que ensinassem judô na região. Porém, a Federação Gaúcha de Judô promovia competições no verão. O local dos eventos era o Centro de Cultura e Lazer Tenente Marino Dias de Oliveira, o Gigantinho. O evento esportivo era chamado de “Campeonato Praiano”.

Em 1997, Paulo Guimarães atingiu a condição de *yudansha* pela FGJ. Em 1998, Guarilha voltou a morar em Tramandaí para trabalhar na delegacia de polícia local, mas não mais se envolveu com o judô. Paulo Guimarães, após a temporada de verão, onde trabalhou vendendo filtros de água decidiu fixar residência em Tramandaí. Depois de observar que havia um projeto social ligado aos esportes no ginásio municipal, Guimarães contatou a administração municipal para ver a viabilidade de entrar com o judô. Após comprar os tatames da Sogipa, instalou o judô sobre o palco do Ginásio Municipal de Tramandaí.

No ano 2000, depois de quase dois anos da prática sendo realizado no local, o judô tramandaiense ganhou visibilidade. Na página 10, da edição do dia 1º de julho de 2000, do periódico a Verdade do Litoral, foi estampada o título da matéria “Cursos de Judô ensinam defesa pessoal aos alunos jovens e pregam o ‘não’ à violência”. No ano seguinte, chegou à escola Judomar o faixa marrom Gabriel Nunes para treinar como sensei Paulo Guimarães.

Em outubro de 2003, a equipe da Judomar, composta por 11 atletas, viaja a Porto Alegre para participar do Troféu Colégio Farroupilha. Em 7 de dezembro, é

realizado o 2ª Campeonato Aberto de Judô de Tramandaí. O destaque do acontecimento foi a inexistência da premiação aos competidores e o atraso do material promocional do evento. O fato foi somente sanado, em 9 de janeiro de 2004, quando foram entregues as medalhas e os troféus pelo Departamento de Desporto de Tramandaí.

No ano de 2004, em 8 de fevereiro, foi realizada a 1ª Copa Tramandaí de Judô. A competição foi organizada pela Federação Gaúcha de Judô em parceria com a Judomar. Este evento perdurou por dez edições ininterruptamente até o ano de 2012.

A escola Judomar saiu, em 2006, das dependências do ginásio municipal e passou a ter sede própria. O dojô foi montado na Avenida Flores da Cunha, 2283, no Centro de Tramandaí.

No dia 25 de novembro de 2007, o time da Judomar, com uma delegação de 20 judocas, disputou o Campeonato Estadual, realizado no ginásio esportivo da Ulbra, na cidade de Canoas.

Em 20 de dezembro de 2010, Jean Duarte Vargas é o primeiro aluno iniciado no judô na faixa branca em Tramandaí a alcançou a faixa preta. No ano seguinte, em setembro, Porto Alegre foi palco do 1º Campeonato Pan-Americano de Judô de Veteranos. A competição aconteceu no Ginásio da Sogipa e Paulo Roberto Guimarães conquistou a medalha de bronze.

Em 2013, o sargento da Brigada Militar Adilson Varqueiro chegou a cidade Osório, onde inicia o judô no projeto Bons Ventos. Em 2014, a Judomar mudou de dono. Paulo Guimarães vendeu a sua academia para o seu aluno o faixa marrom Felipe Parisoto. No ano seguinte, Guimarães formou a escola de judô em Imbé. Em 5 de dezembro do mesmo ano, Paulo conquistou pela sétima vez o título de campeão gaúcho máster.

Como pode ser observado, o desenvolvimento do judô no litoral norte foi difuso com saltos temporais, divididos em duas fases, com uma lacuna que precisa ser mais bem investigada. Entretanto, considera-se que, quando se fala em judô no litoral norte, resume-se a Tramandaí e às cidades lindeiras. Houve uma tentativa frustrada em Torres, por intermédio de Ana Kich, e algumas outras malogradas em Imbé, por Gabriel Nunes e Paulo Guimarães. Porém, não há notícias de judô mais

para o sul, Cidreira e Pinhal, e nem nas proximidades de Capão da Canoa. Atualmente, há na cidade de Osório, através de Adilson Varqueiro e Felipe Parisoto, onde Júlio Perciúncula e Jean Duarte já estiveram.

Através desta pesquisa, ficou evidenciada a influência da profissão das personalidades envolvidas nos primórdios do desenvolvimento da modalidade. Guarilha chegou à região para trabalhar como policial civil e Guimarães fixou residência enquanto trabalhava como vendedor. Os dois chegaram a Tramandaí por força de suas ocupações profissionais. O ensino do judô, inicialmente, foi uma questão do tempo-livre dos dois. Mas que depois se tornou o ganha-pão de Guimarães.

Pelo presente, ficou evidenciado o protagonismo do sensei Guarilha mais relacionado ao desenvolvimento do judô no vale do rio pardo, na cidade de Santa Cruz do Sul e seus arredores do que no litoral norte. Fenômeno que ocorre inversamente no caso do sensei Guimarães. O judô com a sua chegada tem uma reintrodução, vindo a se desenvolver de forma robusta, parecendo render bons frutos, apesar da limitação territorial, conforme já supraexposto.

Dentro do que podemos chamar de uma colcha de retalhos ou um jogo de quebra-cabeças, remontar estas histórias nos possibilita colaborar com o todo, onde histórias se correlacionam, “verdades” são postas em cheque. Portanto, este estudo visa corroborar com os próximos que virão. São estes trabalhos que inquietam, instigam e catapultam para novas descobertas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História. Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto 1, 2005.

AMICI, Teodoro. **Diccionario de judo: recopilación terminológica, 400 términos japoneses.** 2. ed. Rosário, Argentina: Fundación Gral. José de San Martín, 2003.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos de graduação.** 9. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

AZEVEDO, CMP. Carlos Matias Pauli de Azevedo depoimento. Entrevistador: Walter Reyes Boehl. Porto Alegre, 2013. Entrevista concedida para o projeto Memórias do Judô do Rio Grande do Sul. [18 maio. 2013].

_____. Carlos Matias Pauli de Azevedo depoimento. Entrevistador: Walter Reyes Boehl. Porto Alegre, 2016. Entrevista concedida TCC. [06 ago. 2016].

BACELLAR, Carlos. **Uso e mau uso dos arquivos. Fontes históricas.** São Paulo: Contexto (2005): 23-79.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1979.

BAZACAS, Irineu Pantaleão. Relatório. Campo Bom: [2013]. [Material não publicado]

BOEHL, Walter Reyes. **Kodanshas do Rio Grande do Sul – Sensei Teruo Obata.** 2010. Disponível em: <<https://portaldojudors.wordpress.com/2010/08/18/kodanshas-do-rio-grande-do-sul-sensei-teruo-obata/>>. Acesso em: 13 out. 2015.

_____. **Venâncio Aires 37 anos de judô sem interrupções.** 2008. Disponível em: <<https://portaldojudors.wordpress.com/2008/11/27/venancio-aires-37-anos-de-judo-sem-interruptoes/>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

BOUNÉT-MAURY, Paul; COUTRINE, Henry. **O judo.** Tradução Paulo Augusto Vieira Valente, Pedro Ricardo Teixeira das Neves e Nuno Dinis Tomaz. Porto: RÉ-S-editora, 1994. 160 p.

CAZETTO, Fabiano Filier. **Jiu-Jitsu brasileiro e Vale-Tudo: o uso de novas tecnologias no ensino de Lutas e Artes Marciais.** Florianópolis: Motrivivência, 2010.

CELLARD, André. A análise documental. POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2008.

COMITÉ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Results.** 2016. Disponível em: <<https://www.olympic.org/olympic-results.html>> Acesso em: 18 set. 2016.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. **Engrenagem do judô alavanca desenvolvimento da modalidade no Brasil: Infográfico desenvolvido pela CBJ mostra como a união de diversos agentes foi essencial para o esporte chegar ao patamar de excelência em resultados.** 2014. Disponível em: <<http://www.cbj.com.br/noticias/3707/engrenagem-do-judo-alavanca-desenvolvimento-da-modalidade-no-brasil.html>>. Acesso em: 3 set. 2015.

_____. **Galeria de Campeões.** Disponível em: <http://www.cbj.com.br/galeria_de_campeoes/>. Acesso em: 02 jul. 2016.

_____. **Mayra Aguiar é campeã mundial.** 2014. Disponível em: <<http://www.cbj.com.br/noticias/4190/mayra-aguiar-e-campea-mundial.html>>. Acesso em: 02 mai. 2015.

_____. **Paraolímpico.** Disponível em: <<http://www.cbj.com.br/paraolimpico/>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

_____. **Rafaela Silva é campeã mundial de judô da categoria leve.** 2013. Disponível em: <<http://www.cbj.com.br/noticias/3333/rafaela-silva-e-campea-mundial-de-judo-da-categoria-leve.html>>. Acesso em: 02 mai. 2015.

_____. **Rafaela Silva é ovacionada no Maracanã: Campeã olímpica teve nome entoado pela torcida durante semifinal do futebol feminino.** 2016. Disponível em: <<http://www.cbj.com.br/noticias/5658/rafaela-silva-e-ovacionada-no-maracanã.html>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **Resgatando imagens, colocando novas dúvidas: reflexões sobre o uso de fotos na pesquisa em história da educação.** Cadernos CERU (USP), São Paulo, v. 2, n.8, p. 9-28, 1997.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE JUDÔ. **Lista de faixas pretas da Federação Gaúcha de Judô.** 2011. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/15349039-Federacao-gaucha-de-judo.html>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

FERREIRA, Heraldo Simões. **As lutas na Educação Física escolar.** Fortaleza: Revista de Educação Física, n. 135, p.36-44, nov. 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2006.

FRANCHINI, Emerson; DORNELES, Alfredo. Judô. In: DACOSTA, Lamartine Pereira; MIRAGAYA, Ana. **Atlas do esporte no Brasil.** Rio de Janeiro: Shape, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre *et al.* **ESEF 65 anos: entre memórias e histórias.** Porto Alegre: Movimento, 2005.

GUARILHA, JL. Joel Luiz Guimarães depoimento. Entrevistador: Walter Reyes Boehl. Porto Alegre, 2016. Entrevista concedida TCC. [31 abr. 2016].

GUIMARÃES, Paulo Roberto da Silva. **Considerações por Paulo Guimarães ao episódio em Tramandaí**. 2012. Disponível em: <<https://oportaldojudo.wordpress.com/2012/02/15/consideracoes-por-paulo-guimaraes-ao-episodio-em-tramandai/>>. Acesso em: 04 jun. 2016.

_____. Professor Paulo Guimarães se despede da Judomar. 2014. Disponível em: <<https://portaldojudors.wordpress.com/2014/04/27/professor-paulo-guimaraes-se-despede-da-Judomar/>>. Acesso em: 04 jun. 2016.

GUIMARÃES, PRS. Paulo Roberto da Silva Guimarães depoimento. Entrevistador: Walter Reyes Boehl. Porto Alegre, 2015. Entrevista concedida TCC. [21 dez. 2015].

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Rio Grande do Sul, Tramandaí, histórico**. 2016. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/NZQ>>. Acesso em: 03 jun. 2016.

ISIDORO, Sara García *et al.* **Las artes marciales, su origen y actualidad: Una visión enfocada en el Judo, Karate y Wushu**. Xalapa: Orientando, n. 8, 2015.

JAQUEIRA, Ana Rosa; ARAÚJO, Paulo Coêlho. **Análise praxiológica do primeiro regulamento desportivo da capoeira**. Porto Alegre: Movimento, 2013.

JUDÔ NO BRASIL. **Loanzi levou idealismo e judô para os gauchos**. São Paulo: Gráfica Toru, n. 6, 1965.

JÚNIOR, CCR. Cid Corrêa Rodrigues Júnior depoimento. Entrevistador: Walter Reyes Boehl. Porto Alegre, 2016. Entrevista concedida TCC. [26 jul. 2016].

KANO, Jigoro. **Judo Kodokan**. Tradução Wagner Bull.11. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

_____. **Judo (jujutsu)**. Maruzen Company, Limited, 1937.

KOCH, Rodrigo; PEREIRA, Antonio Carlos. **A vitória vem dos céus: a trajetória do brasileiro campeão mundial de judô**. 1.ed. Porto Alegre: Doravante, 2007. 86 p.

LITORAL MANIA. **Imbeenses conquistam bons resultados na Copa Bento Gonçalves de judô**. 2013. Disponível em: <<http://www.litoralmania.com.br/imbeenses-conquistam-bons-resultados-na-copa-bento-goncalves-de-judo/>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

MADURO, Luis Alcides. **A História do judô no Rio Grande do Sul: das primeiras manifestações aos Jogos Olímpicos de Atlanta**. UFRGS Dissertação de Mestrado, set 1999. [Material não publicado]

MAZO, Janice Zarpellon; SILVA, Carolina Fernandes da; FROSI, Tiago Oviedo. **A Associação Cristã de Moços e a Propagação dos Esportes em Porto Alegre**. Santa Maria: Kinesis, 2012.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica: A Prática de Fichamentos, Resumos, Resenhas**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MENDES, Cleto Alves. **Kodanshas do Rio Grande do Sul – Sensei Cleto: Sensei Cleto Alves Mendes, um carioca da gema, mas gaúcho de coração**. 2010. Disponível em: <<https://portaldojudors.wordpress.com/2010/11/23/kodanshas-do-rio-grande-do-sul-sensei-cleto/>>. Acesso em: 22 maio 2016.

NUNES, Alexandre Velly. **Judô o caminho das medalhas**. 1.ed. São Paulo: Kazuá, 2013.

_____. **História do Judô: Criação do Judô e o Instituto Kodokan**. Disponível em: <http://www.cbj.com.br/historia_do_judo/>. Acesso em: 01 setembro. 2015.

_____. A influência da imigração japonesa no desenvolvimento do judô brasileiro: Uma genealogia dos atletas brasileiros medalhistas em Jogos Olímpicos e campeonatos mundiais. São Paulo: Tese (Doutorado) – Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. [s/n], 2011.

_____; KOSSMANN, Fernanda Torres; SCHAMES, Maurício Lemieszek. Judô no Rio Grande do Sul. In: MAZO, Janice Zarpellon. (Org.) **Atlas do Esporte do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2005.

_____; RUBIO, Kátia. **As origens do judô brasileiro: a árvore genealógica dos medalhistas olímpicos**. São Paulo: Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 2012.

PACHECO, Caio César Kallenbach. **Motivação no Jiu-Jitsu**. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

PORTAL DO JUDÔ. **Felipe Parisoto fala sobre a experiência de comandar a JudoMar**. 2014. Disponível em: <<https://portaldojudobrasileiro.wordpress.com/2014/06/22/felipe-parisoto-fala-sobre-a-experiencia-de-comandar-a-judomar/>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; MARTINS, Carlos José. **O Jiu Jitsu brasileiro em extensão**. São Paulo: Revista Ciências em Extensão, 2011.

SANTOS, Ramofly Bicalho. **História Oral: limites e possibilidades**. Cadernos da FaEL, 2009.

SCHNEIDER, Willy Adolfo. Memórias do judô master no Rio Grande do Sul: (Século XXI). TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, ESEF, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

SOUZA, Gabriela Conceição de; MOURÃO, Ludmila. **Mulheres no tatame: o judô feminino no Brasil**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2011.

SOUZA, Tirzah Berni de. A organização da prática do boxe no Rio Grande do Sul: décadas de 1920 a 1960. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

STEVENS, John. **Três mestres do Budo: Kano (judô), Funakoshi (karatê), Ueshiba (aikidô)**. São Paulo: Cultrix, 2007.

TENROLLER, Carlos Alberto; MERINO, Eduardo. **Métodos e planos para o ensino dos esportes**. 2. ed. Canoas: Editora da Ulbra, 2014.

VIRGILIO, Stanley. **A arte do judô**. 3. ed. Porto Alegre: Rigel, 1994.

_____. **Conde Koma: o invencível yondan da história**. Campinas: Átomo, 2002.

WANDERLEY, Paulo Fernando Tenório. **O judô no Rio de Janeiro origem e trajetória**. 2001. Disponível em: <<http://judotradicionalgoshinjutsukan.blogspot.com.br/2009/04/historico-do-judo-no-rio-de-janeiro.html>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

WATSON, Brian N. **Memórias de Jigoro Kano: o início da história do judô**. Tradução Wagner Bull. São Paulo: Cultrix, 2011.

ANEXOS

Jogos Olímpicos				
Modalidade	Ouro	Prata	Bronze	Total
Vôlei/Voleibol de Praia	7	10	5	22
Judô	4	3	15	22
Vela	7	3	8	18
Atletismo	5	3	8	16
Natação/Maratona Aquática	1	4	9	14
Futebol	0	5	2	7
Boxe	1	1	3	5
Basquete	0	1	4	5
Tiro	1	2	1	4
Ginástica	1	2	1	4
Hipismo	1	0	2	3
Canoagem	0	1	1	2
Taekwondo	0	0	1	1
Pentatlo Moderno	0	0	1	1

Fonte: Comitê Olímpico Internacional

TABELA DE MEDALHAS BRASILEIRAS

JOGOS OLÍMPICOS	ATLETA	CATEGORIA	MEDALHAS
1972 Munique/GER	Chiaki Ishii	-93kg	Bronze
1984 Los Angeles/USA	Douglas Vieira	-95kg	Prata
	Walter Carmona	-86kg	Bronze
	Luís Onmura	-71kg	Bronze
1988 Seul/KOR	Aurélio Miguel	-95kg	Ouro
1992 Barcelona/ESP	Rogério Sampaio	-65kg	Ouro
1996 Atlanta/USA	Aurélio Miguel	-95kg	Bronze
	Henrique Guimarães	-65kg	Bronze
2000 Sydney/AUS	Tiago Camilo	-73kg	Prata
	Carlos Honorato	-90kg	Prata
2004 Atenas/GRE	Leandro Guilherme	-73kg	Bronze
	Flávio Canto	-81kg	Bronze
2008 Pequim/CHN	Ketleyn Quadros	-57kg	Bronze
	Leandro Guilherme	-73kg	Bronze
	Tiago Camilo	-81kg	Bronze
2012 Londres/GBR	Sarah Menezes	-48kg	Ouro
	Mayra Aguiar	-78kg	Bronze
	Felipe Kitadai	-60kg	Bronze
	Rafael Silva	+100kg	Bronze
2016 Rio de Janeiro/BRA	Rafaela Silva	-57kg	Ouro
	Mayra Aguiar	-78kg	Bronze
	Rafael Silva	+100kg	Bronze
22 MEDALHAS	4 OUROS	3 PRATAS	15 BRONZES

Fonte: CBJ

MUNDIAL SÊNIOR	ATLETA	CATEGORIA	MEDALHAS
1971 Ludwigshafen/GER	Chiaki Ishii	-93kg	Bronze
1979 Paris/FRA	Walter Carmona	-86kg	Bronze
1987 Essen/GER	Aurélio Miguel	-95kg	Bronze
1993 Hamilton/CAN	Aurélio Miguel	-95kg	Prata
	Rogério Sampaio	leve	Bronze
1995 Tóquio/JPN	Danielle Zangrando	-56kg	Bronze
1997 Paris/FRA	Aurélio Miguel	-95kg	Prata
	Edinanci Silva	-72kg	Bronze
	Fúlvio Myata	-60kg	Bronze
1999 Birmingham/GBR	Sebastian Pereira	-73kg	Bronze
2003 Osaka/JPN	Mario Sabino	-100kg	Bronze
	Edinanci Silva	-78kg	Bronze
	Carlos Honorato	-90kg	Bronze
2005 Cairo/EGY	João Derly	-66kg	Ouro
	Luciano Corrêa	-100kg	Bronze
2007 Rio de Janeiro/BRA	João Derly	-66kg	Ouro
	Tiago Camilo	-81kg	Ouro
	Luciano Correa	-100kg	Ouro
	João Gabriel Schilittler	+100kg	Bronze
2010 Tóquio/JPN	Mayra Aguiar	-78kg	Prata
	Leandro Guilherme	-81kg	Prata
	Leandro Cunha	-66kg	Prata
	Sarah Menezes	-48kg	Bronze
2011 Paris/FRA	Leandro Cunha	-66kg	Prata
	Rafaela Silva	57kg	Prata
	Sarah Menezes	-48kg	Bronze
	Leandro Guilherme	-81kg	Bronze
2013 Rio de Janeiro/BRA	Mayra Aguiar	-78kg	Bronze
	Rafaela Silva	-57kg	Ouro
	Érika Miranda	-52kg	Prata
	Maria Suelen Altheman	+78kg	Prata
	Rafael Silva	+100kg	Prata
	Sarah Menezes	-48kg	Bronze
2014 Chelyabinsk/RUS	Mayra Aguiar	-78kg	Bronze
	Mayra Aguiar	-78kg	Ouro
	Maria Suelen Altheman	+78kg	Prata
	Erika Miranda	-52kg	Bronze
2015 Astana/CAZ	Rafael Silva	+100kg	Bronze
	Érika Miranda	-52kg	Bronze
2015 Astana/CAZ	Victor Penalber	-81kg	Bronze
40 MEDALHAS	6 OUROS	11 PRATAS	23 BRONZES

Fonte: CBJ

MUNDIAL JÚNIOR	ATLETA	CATEGORIA	MEDALHAS
1974 Rio de Janeiro/BRA	Roberto Machusso	-70kg	Prata
1976 Madrid/ESP	Carlos Pacheco	-95kg	Bronze
1983 Mayaguez/PUR	Aurélio Miguel	-95kg	Ouro
	Frederico Flexa	+95kg	Bronze
1986 Roma/ITA	Rubens Neres	+95kg	Bronze
1990 Dijo/FRA	Marcos Alexandre Daud	-90kg	Prata
1992 Buenos Aires/ARG	Henrique Guimarães	-63kg	Prata
	Elton Fiebig	-95kg	Bronze
1994 Cairo/EGY	Gabriela Garcia	+72kg	Prata
	Carlos Honorato	-86kg	Bronze
1996 Porto/POR	Sebastian Pereira	-71kg	Ouro
	Danielle Zangrando	-57kg	Prata
	Cristiane Parmigiano	-61kg	Bronze
1998 Cali/COL	Tiago Camilo	-66kg	Ouro
	Fabiane Hukuda	-52kg	Prata
	Danielle Zangrando	-57kg	Prata
	Rafael Rocha	-100kg	Prata
	Daniel Hernandez	+100kg	Bronze
2000 Nabul/TUN	Fabiane Hukuda	-52kg	Ouro
	João Derly	-60kg	Ouro
	Moacir Mendes Jr	-66kg	Bronze
	Alessandro Merly	-90kg	Bronze
2002 Jeju Island/KOR	Leandro Guilherme	-73kg	Ouro
	Leonardo Eduardo	-81kg	Ouro
	Taciana Lima	-48kg	Bronze
	Claudirene Cezar	-78kg	Bronze
2004 Budapest/HUN	Aline Puglia	+78kg	Bronze
2006 Santo Domingo/DOM	Rochelle Nunes	+78kg	Bronze
	Amanda Oiveira	-63kg	Bronze
	Mayra Aguiar	-70kg	Bronze
2008 Bangkok/THA	Sarah Menezes	-48kg	Ouro
	Rafaela Silva	-52kg	Ouro
	Mayra Aguiar	-70kg	Prata
	Camila Minakawa	-63kg	Bronze
	Victor Penalber	-73kg	Bronze
2009 Paris/FRA	Sarah Menezes	-48kg	Ouro
	Mariana Silva	-63kg	Bronze
	Mayra Aguiar	-78kg	Bronze
2010 Agadir/MAR	Mayra Aguiar	-78kg	Ouro
	Águeda Silva	-44kg	Prata
	Eleudis Valentim	-52kg	Prata
	Nathália Brígida	-48kg	Bronze
2011	Águeda Silva	-44kg	Prata

Cape Town RSA	Allan Kuwabara	-60kg	Bronze
2013 Ljubljana/SLO	Jéssica Pereira	-52kg	Prata
	Samanta Soares	-78kg	Prata
	Vitor Torrente	-55kg	Bronze
	Gabriel Mendes	-73kg	Bronze
	Henrique Silva	-90kg	Bronze
	Ruan Silva	+100kg	Bronze
	Sibilla Faccholli	+78kg	Bronze
2014 Fort Lauderdale/USA	Rafael Macedo	-81kg	Ouro
	Larissa Farias	-44kg	Prata
	Ricardo Santos Junior	-66kg	Bronze
	Leonardo Gonçalves	-100kg	Prata
2015 Abu Dhabi/UAE	Camila Nogueira	+78kg	Prata
	Rita Reis	-44kg	Bronze
	Daniel Cargnin	-66kg	Bronze
	Lincoln Neves	-73kg	Bronze
	59 MEDALHAS	12 OUROS	17 PRATAS

Fonte: CBJ

JOGOS PAN-AMERICANOS	ATLETA	CATEGORIA	MEDALHAS
1963 São Paulo/BRA	Lhofei Shiozawa	-80kg	Ouro
	Milton Lovato	-80kg	Prata
	George Medhi	aberta	Prata
1967 Winnipeg/CAN	Akira Ono	-63kg	Ouro
	Takeshi Miura	-70kg	Ouro
	Lhofei Shiozawa	-80kg	Prata
	George Mehdi	aberta	Bronze
1975 Cidade do México/MEX	Ricardo Oliveira Campos	-93kg	Ouro
	Roberto Zuasnabar Machusso	-70kg	Prata
	Carlos Eduardo Motta	-80kg	Prata
	Luiz Shinohara	-63kg	Bronze
	Fenelon Oscar da Silva	+93kg	Bronze.
1979 San Juan/PUR	Luiz Shinohara	-60kg	Ouro
	Carlos Cunha	-78kg	Ouro
	Carlos Pacheco	-95kg	Ouro
	Oswaldo Simões	+95kg	Ouro
	Luiz Onmura	-65kg	Prata
	Roberto Machusso	-71kg	Bronze.
1983 Caracas/VEN	Inez Nazareth	-48kg	Prata
	Luiz Shinohara	-60kg	Prata
	Luiz Onmura	-71kg	Prata
	Aurélio Miguel	-95kg	Prata
	Federico Flexa	+95kg	Prata
	Solange Almeida Pessoa	-52kg	Bronze
	Tânia Ishii	-56kg	Bronze
	Carla Lívia Müller Duarte	-61kg	Bronze
	Soraia André	+72kg	Bronze
	Sérgio Santos	-65kg	Bronze
	Walter Carmona	-86kg	Bronze
	Mônica Angelucci	-48kg	Ouro
1987 Indianápolis/EUA	Soraia André	-70kg	Ouro
	Sergio Pessoa	-60kg	Ouro
	Rinaldo Cagianno	-86kg	Ouro
	Aurélio Miguel	-95kg	Ouro
	Nelson Onmura	-65kg	Prata
	Luiz Onmura	-71kg	Prata
	Federico Alfredo	+95kg	Prata
	Soraya Carvalho	-61kg	Bronze
	Rosimeri Salvador	+72kg	Bronze
	Ivana Santana	aberta	Bronze
	Rogério Cherubim	aberta	Bronze
	1991 Havana/CUB	Shigueto Yamazaki	-60kg
Patricia Dias Bevilacqua		-52kg	Prata
Sérgio Ricardo Oliveira		-71kg	Prata
Mônica Angelucci		-45kg	Bronze
Maria Cristina de Souza		-48kg	Bronze
Edilene Aparecida de Andrade		+72kg	Bronze

	Soraia André	aberta	Bronze	
	Sumio Tsujimoto	-56kg	Bronze	
	Renato Gagnino	-78kg	Bronze	
	Federico Flexa	-95kg	Bronze	
1995 Mar del Plata/ARG	José Mario Tranquillini	+95kg	Ouro	
	Edilene Andrade	+72kg	Prata	
	Carlos Eduardo Matt	-86kg	Prata	
	Daniel Fausto Dell'Aquila	-95kg	Prata	
	Andreia Berti Rodrigues	-48kg	Bronze	
	Danielle Zangrando	-56kg	Bronze	
	Vânia Ishii	-66kg	Bronze	
	Valeria Brandino	-72kg	Bronze	
	Rodolfo Yamayose	-56kg	Bronze	
	Carlos Anderson Bortole	-60kg	Bronze	
	Henrique Guimarães	-65kg	Bronze	
	Sergio Ricardo Oliveira	-71kg	Bronze	
	Flávio Canto	-78kg	Bronze	
	Vânia Ishii	-63kg	Ouro	
	Denilson Lourenço	-60kg	Prata	
1999 Winnipeg/CAN	Flávio Canto	-81kg	Prata	
	Daniel Hernandez	+100kg	Prata	
	Fabiane Hukuda	-52kg	Bronze	
	Danielle Zangrando	-57kg	Bronze	
	Edinanci Silva	-78kg	Bronze	
	Priscila Marques	+78kg	Bronze	
	Sebastião Pereira	-73kg	Bronze	
	Marcelo Figueiredo	-100kg	Bronze	
	2003 Santo Domingo/DOM	Luiz Camilo	-73kg	Ouro
		Flávio Canto	-81kg	Ouro
Mário Sabino		-100kg	Ouro	
Daniel Hernandez		+100kg	Ouro	
Edinanci Silva		-78kg	Ouro	
Vânia Ishii		-78	Prata	
Fabiane Hukuda		-52kg	Bronze	
Tânia Ferreira		-57kg	Bronze	
Henrique Guimarães		-66kg	Bronze	
Carlos Honorato		-90kg	Bronze	
2007 Rio de Janeiro/BRA	Danielle Zangrando	-57kg	Ouro	
	Edinanci Silva	-78kg	Ouro	
	João Derly	-66kg	Ouro	
	Tiago Camilo	-90kg	Ouro	
	Daniela Polzin	-48kg	Prata	
	Érika Miranda	-52kg	Prata	
	Danielle Yuri	-63kg	Prata	
	Mayra Aguiar	-70kg	Prata	
	Leandro Guilherme	-73kg	Prata	
	João Gabriel Schlitter	+100kg	Prata	
	Priscila Marques	+78kg	Bronze	
	Alexandre Lee	-60kg	Bronze	
	Luciano Corrêa	-100kg	Bronze	

2011 Guadalajara/MEX	Felipe Kitadai	-60kg	Ouro
	Leandro Cunha	-66kg	Ouro
	Bruno Mendonça	-73kg	Ouro
	Leandro Guilherme	-81kg	Ouro
	Tiago Camilo	-90kg	Ouro
	Luciano Corrêa	-100kg	Ouro
	Érika Miranda	-52kg	Prata
	Rafaela Silva	-57kg	Prata
	Rafael Silva	+100kg	Prata
	Sarah Menezes	-48kg	Bronze
	Maria Portela	-70kg	Bronze
	Mayra Aguiar	-78kg	Bronze
	Maria Suelen Altheman	+78kg	Bronze
2015 Toronto/CAN	Érika Miranda	-52kg	Ouro
	Charles Chibana	-66kg	Ouro
	Tiago Camilo	-90kg	Ouro
	Luciano Corrêa	-100kg	Ouro
	David Moura	+100kg	Ouro
	Felipe Kitadai	-60kg	Prata
	Mayra Aguiar	-78kg	Prata
	Victor Penalber	-81kg	Bronze
	Nathália Brigida	-48kg	Bronze
	Rafaela Silva	-57kg	Bronze
	Mariana Silva	-63kg	Bronze
	Maria Portela	-70kg	Bronze
	Maria Suelen Altheman	+78kg	Bronze
97 MEDALHAS	25 OUROS	29 PRATAS	43 BRONZES

Fonte: CBJ

JOGOS MUNDIAIS MILITARES	ATLETA	CATEGORIA	MEDALHAS
2011 Rio de Janeiro/BRA	Maria Portela	-70kg	Ouro
	Leandro Guilherme	-81kg	Ouro
	Luciano Correa	-100kg	Ouro
	Sarah Menezes	-48kg	Prata
	Andressa Fernandes	-52kg	Prata
	Ketleyn Quadros	-57kg	Prata
	Maria Altheman	+78kg	Prata
	Leandro Cunha	-66kg	Bronze
	Bruno Mendonça	-73kg	Bronze
	Rafael Silva	+100kg	Bronze
2015 Mungyeong/KOR	Felipe Kitadai	-60kg	Ouro
	Mariana Silva	-63kg	Ouro
	Eduardo Bettoni	-90kg	Ouro
	Rafaela Silva	-57kg	Prata
	Maria Portela	-70kg	Prata
	Walter Santos	-100kg	Prata
	Sarah Menezes	-48kg	Bronze
	Nádia Merl	-78kg	Bronze
	Rochele Nunes	+78kg	Bronze
19 MEDALHAS	6 OUROS	7 PRATAS	6 BRONZES

Fonte: CBJ

E-mail para os professores

Nome completo:

Data de nascimento:

Graduação: LRSJ () - FGJ ()

Cidade Natal:

Cidade(s) onde ministra(s) aula(s):

Cidade(s) onde ministrou aula(s):

Outros dados que julgares útil.

APÊNDICES

APÊNDICE A

ROTEIRO ENTREVISTA N°

Pesquisa:

Entrevistado:

Formação:

Nascimento:

Local da Entrevista:

Fone:

Entrevistador:

Data da entrevista:

Roteiro de Entrevista

Algumas questões podem gerar outras perguntas. As questões servem de pauta (roteiro) para subsidiar o pesquisador (entrevistador) durante a entrevista.

Perguntas

1. Fale sobre a sua trajetória no esporte.
2. Quais os motivos que o levaram ao judô?
3. Como ocorreu a sua inserção no judô?
4. Como surgiu o interesse por esta modalidade em específico?
5. Onde aprendeu judô e quais foram os seus professores?
6. Foi professor de algum judoca notável ou de expressão no meio?
7. Antes de morar no litoral gaúcho, morava em qual cidade e já dava aula de judô?
8. Como foi a sua chegada ao litoral gaúcho? Qual ano? Qual município? Por que a escolha dessa região para viver e ensinar artes marciais?

9. Onde foram as primeiras aulas (cidade)? Qual(is) foi(ram) o(s) local(is) – ginásio(s), associação(ões)/clube(s) e/ou escola(s)? Qual(is) era(m) o(s) público(s)?
10. Quanto tempo permaneceu ministrando aulas nesse(s) local(is)? Por que parou (se parou) de dar aula?
11. Poderia nos detalhar mais sobre o início do judô na região no período que permaneceu em contato com o esporte na localidade?
12. Sabes de mais alguém que possa ter contribuído com o judô no litoral norte ou que tenha o precedido?
13. Algo que queiras relatar que ainda não constou, ou seja, alguma coisa que julgares útil para esta pesquisa.

APÊNDICE B

ROTEIRO ENTREVISTA N°

Pesquisa:

Entrevistado:

Formação:

Nascimento:

Local da Entrevista:

Fone:

Entrevistador:

Data da entrevista:

Roteiro de Entrevista

Algumas questões podem gerar outras perguntas. As questões servem de pauta (roteiro) para subsidiar o pesquisador (entrevistador) durante a entrevista.

Perguntas

1. Fale sobre as fundações da FGJ e da FRGJ.
2. O que sabes sobre a vida de judoca do Joel Guarilha?
3. O que sabes do judô em Tramandaí na década de 60 e 70?
4. O que sabes do judô em Tramandaí no final da década de 90?
5. O que sabes sobre a vida de judoca do Paulo Guimarães?
6. Algo que queiras relatar que ainda não constou, ou seja, alguma coisa que julgares útil para esta pesquisa.

APÊNDICE C

CARTA DE APRESENTAÇÃO DO PESQUISADOR

Prezados,

O aluno Walter Reyes Boehl da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS, está realizando uma pesquisa com o objetivo de identificar como ocorreu o processo de desenvolvimento do judô na região litoral norte do Rio Grande do Sul. Para isto, ele precisa obter informações de fontes documentais, impressas e imagéticas, que são encontradas em livros, álbuns comemorativos, revistas, entre outros documentos.

Por acreditarmos que a referida instituição possa nos fornecer materiais que possuam tais informações que levem ao objetivo desta pesquisa, gostaríamos de solicitar que permitissem o acesso do aluno Walter a estes materiais. Também gostaríamos de solicitar que ele pudesse fotografar ou fotocopiar os materiais, para posteriormente fazer análise das informações encontradas nos mesmos. Estas informações coletadas serão utilizadas apenas para fins pesquisa.

A instituição se eximirá de qualquer gasto referente à pesquisa. Caso haja perguntas posteriores sobre esta pesquisa e sobre o pesquisador, a professora Janice Zarpellon Mazo, orientadora do estudo, estará à disposição nos telefones (51) 33883031 ou (51) 99579428, ou maiores informações através de contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 316.3629 ou fax (51) 316.4085.

Declaramos estarmos cientes desta pesquisa e aceitamos colaborar com as condições solicitadas pelo pesquisador nesta carta de apresentação, que receberemos uma cópia.

.....
Assinatura do Responsável
pela Instituição e data/local

.....
Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Você está sendo convidado, como voluntário, a participar desta pesquisa, por se enquadrar no perfil necessário para que a mesma se realize. O objetivo deste estudo é identificar como ocorreu o processo de introdução do judô no litoral norte do Rio Grande do Sul. Sua participação é muito importante para que possamos obter informações necessárias para nossos estudos, a partir da visão de quem vivenciou o campo do esporte sul-rio-grandense.

Cabe ressaltar que não existirão riscos de exposição a partir da sua entrevista. O pesquisador envolvido neste estudo tratará sua identidade com padrões éticos de sigilo, se assim for seu desejo. Assim, seus dados serão confidenciais. Os participantes somente serão identificados em publicações que possam resultar deste estudo, caso os mesmos autorizem. As gravações de áudio e vídeo geradas a partir das entrevistas serão encaminhadas ao arquivo do “Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física” (NEHME), localizado na sala 106F do Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Você é livre para recusar sua participação a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar do estudo não acarretará em qualquer penalidade ou perda de bens, pois todos os procedimentos da entrevista serão fornecidos gratuitamente. Não será disponível nenhuma compensação financeira adicional. Qualquer dúvida poderá ser esclarecida pelo autor através do telefone: (51) 99532433 ou através de contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 316.3629 ou fax (51) 316.4085.

APÊNDICE E

DECLARAÇÃO DO ENTREVISTADO

Eu, _____, portador do CPF número _____ fui informado da proposta da pesquisa acima, de maneira clara e detalhada, tendo tempo para ler e pensar sobre a informação contida no Termo de Consentimento antes de participar do estudo. Recebi informação a respeito dos procedimentos de avaliação realizados, esclareci minhas dúvidas e concordei voluntariamente em participar deste estudo. Além disso, sei que terei liberdade de retirar meu consentimento de participar da pesquisa frente a estas informações. Os pesquisadores certificaram-me também de que todos os dados dessa pesquisa serão confidenciais. Fui informado que caso existirem danos a minha imagem, causados diretamente pela pesquisa, terei direito a indenização conforme estabelece a lei. Concordo que as gravações dos depoimentos sejam encaminhadas para o arquivo do “Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física” (NEHME), localizado na sala 106F do Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Também sei que sou eximido de qualquer gasto referente à pesquisa. Caso queira sanar dúvidas e tiver algum questionamento, o pesquisador responsável pelo estudo Walter Reyes Boehl, estará à disposição pelo telefone (51) 9275-1610, e também para qualquer pergunta sobre meus direitos como participante desse estudo, ou através de contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 316.3629 ou fax (51) 316.4085.

Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

.....
Assinatura do Entrevistado e data/local

.....
Assinatura do Pesquisador